

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E ENGENHARIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS FLORESTAIS E DA MADEIRA

MARCELA SOUZA MEDEIROS

PERCEPÇÕES DOS MORADORES NO ENTORNO
DO PARQUE NATURAL MUNICIPAL GRUTA DA ONÇA, VITÓRIA, ES

JERÔNIMO MONTEIRO
ESPÍRITO SANTO

2016

MARCELA SOUZA MEDEIROS

PERCEPÇÕES DOS MORADORES NO ENTORNO
DO PARQUE NATURAL MUNICIPAL GRUTA DA ONÇA, VITÓRIA, ES

Monografia apresentada ao
Departamento de Ciências Florestais
e da Madeira da Universidade Federal
do Espírito Santo, como requisito para
obtenção do título de Engenheira
Florestal.

Orientador: Prof. Dr. Henrique
Machado Dias

JERÔNIMO MONTEIRO
ESPÍRITO SANTO
2016

MARCELA SOUZA MEDEIROS

MARCELA SOUZA MEDEIROS

PERCEPÇÕES DOS MORADORES NO ENTORNO
DO PARQUE NATURAL MUNICIPAL GRUTA DA ONÇA,
VITÓRIA, E.S.

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Florestais e da Madeira
da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do
título de Engenheira Florestal

Aprovada em 02 de dezembro de 2016.

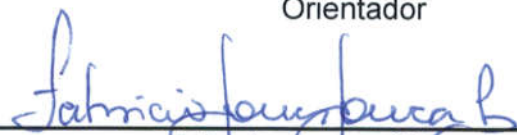
COMISSÃO EXAMINADORA



Henrique Machado Dias

DCFM / CCAE / UFES

Orientador



Fabricio Gomes Gonçalves

DCFM / CCAE / UFES

Examinador



Ana Cláudia Gama Barreto

Universidade Federal do Espírito Santo

Examinadora

sobre os quais nos apoiamos
e alcançamos além do que nossa visão sonhou almejar

Ao meu Tio Amélio
Casanova que me contava histórias
E hoje brilha [a mim]
Entre as estrelas

Us, and them
And after all we're only ordinary men
Me, and you
God only knows it's not what we would choose to do

(Dark Side of the Moon, Pink Floyd, 1973)

Se não tem água, eu furo um poço
Se não tem carne, eu compro um osso e ponho na sopa
E deixo andar, deixo andar
(...)

(Opinião, Zé Ketí, 1964, Interpretada por Nara Leão, capixaba)

Eu fui para o bosque porque queria viver deliberadamente, para enfrentar apenas os fatos essenciais da vida, e ver se eu não podia aprender o que tinha para ensinar, e não, quando eu vier a morrer, descobrir que eu não tinha vivido.

Walden, Henry David Thoreau, 1854

Agradecimentos

Esse conto que aumenta um ponto foi feito entre as florestas ... qualquer semelhança com seres históricos é mera coincidência...

ao Senhor pelo dom da Vida e por ter me guiado .. a Primavera não seria tão bela se não tivéssemos pelo inverno passado...

...à um grande Portal de Conhecimento que foi uma mãe natureza e abre olhos pois por fim reparei estar transitando entre sonhos ... aos guardiões ...são tantos .. difícil citá-los .. ao Lorde Inglês das Arábias acompanhado de Lilis e Jasmimes claramente com os do tique-tique Zangado e Feliz .. tornando ali uma morada feliz.. aos Protetores calorosas de folhas antigas .. aos que Alimentam com doçura ...aos que cuidam com carinho do local e aos de um Castelinho de tronos macios e floridos e sua Primeirona que com talento à administrar ferramentas com Seus Amigos são capazes de sentir o percorrer das fozes... aos do Reino de solo dourado em que os bosques tem mais vida por sustentarem os estudos dos seus padawans ..à todos os Mestres da Floresta que dão as mãos inúmeras vezes em tropeços além da conta... protagonistas de contos com rimas ricas e raras , preciosos que certamente irão levar suas flâmulas à frente ... impossível citá-los , cada um guardadores de preciosidades em que suas sementes brotam e se tornam raízes que tocam solos e vão se tornando férteis ...certamente seus pupilos extensionarão os conhecimentos ...

..aos que estão comigo na jornada desde o início ...acabei aprendendo a deixar o vento suave guiar o Timão e a brincar com as Sopas de letrinhas passadas numa velha mesa ...às inúmeras que guardam em seus lares histórias como a da Princesa Sofia... à que brincava com sombras nos Parques dos Césares e aos que vieram do Antigo Continente.. à Querida que sua história é um retrato da vida... aos Damascos possuidores dos Anúbis que vigiam aonde era uma fazenda e aos que agora brilham há anos-luz ... amigos que somente tinham a casca envelhecida ..então gratidão aos queridos com Passarinho Passarinho perfumados e Massinhas, contos pintados colados na parede.. às Professoras de grandes histórias e de jovialidade .. aos Casanovas pelo reino de prismas inicialmente do jogo do contente passando para um inglês que certamente adoraria o lado negro da lua.. aos que enviavam Bumerangues do outro lado do mundo ...e aos Oscars da Paz.....aos amigos que dão as mãos enquanto não se é capaz de ouvir velhos sussurros .. aos guardiões Alegres a começar pela Senhora do Lar da Música aonde há Dança e Teatro .. à outras Mãos para toda hora..aos amigos da Floresta .. à Lady que é capaz de ouvir pequenas notas pois adentra um portinha secreta para alcançar as florestas ambulantes .. à uma que hoje ouve antigos Pinheiros ... às Morenas .. aos que amam as Poeiras de Estrelas... aos que cuidam Felinamente por verem além de olhos cerrados .. aos que maceram Valeriane para acalmar os seus ..aos do Jardim de Linnæus e os que entoam Canções Tafari.. aos da Turma do Coração pelas pessoas de amizade que floresce e à Irmandade Xopiana que abraçam com seus Trovadores Conquistadores e suas Princesas nobres que juntos entoam Into the Jungle de forma vidente ...e ao Casal mais belo do bosque.....aos amigos de outro capítulo que em suas mesas de bilhar onde são menestrais de histórias conseguem perceber os que parecem distantes passando ferramentas necessárias e aos dos deliciosos Cafés com Prosas.. aos queridos que protegem as velhas raízes de nossas humanidades ... são mesmo um Refúgio .. com seu Cordel Encantado de nobres além-mar juntamente com seres dos Mitos Brasileiros que conseguem captar em seus filtros de sonhos..à República Florida por entoarem Florence com danças Mil e ruivas das Cerejeiras e às Solares bolinhas de pêlos...aos irmãos e irmãs que nascem nos momentos preciosos...

.. e assim uma valsa segue mesmo que tenhamos que trocar as notas e estruturas ..

.. sendo assim aqui encontramos o Divino que é Alfa e Omega e tira as escamas dos olhos ...

... Posso afirmar ser sortuda em poder encerrar minha parte pois certamente levarei sementes que não estão mais dormentes ..portanto faço uma curva saudosa...para outras valsas sem esquecer as raízes ;

Tais Árvores Frondosas que Protegem e são Acolhida guiarão novos aprendizes de forma poética (.)
Nesse trabalho ouviu-se “with a Great help from my friends”.

RESUMO

No mundo atual, com tantos conflitos é cada vez mais importante a discussão do conceito de percepção. As unidades de Conservação são bons laboratórios de estudo das percepções das pessoas acerca dos ambientes em que vivem. Objetivou-se nesse trabalho investigar as diferentes percepções dos atores do entorno do Parque Natural Municipal Gruta da Onça em Vitória no estado do Espírito Santo. Foi realizada observação participante de julho a outubro de 2016 e entrevistas semi-estruturadas com 39 atores envolvendo os temas: infância e áreas verdes lazer, percepção dos atores acerca do Parque Natural e sobre suas regiões. Realizou-se a triangulação das informações a fim de qualificar os resultados. Verificou-se que a descaracterização da identidade de alguns atores, sobretudo os da região de baixa renda, e o medo presente na cidade influenciam a relação das pessoas com as áreas verdes. Segundo a pesquisa as crianças atuais têm pouco convívio com áreas verdes muito pela influência da tecnologia e pela falta de segurança. Garantem que se tivessem mais oportunidade gostariam de ter lazer em áreas livres e apresentam uma preocupação com os recursos hídricos. Conclui-se que o Parque Natural Municipal Gruta da Onça poderá ser um bom exemplo de como interagir com o entorno e fomentar discussões a respeito da relação do homem com o meio em que vive e sua própria natureza.

Palavras-chaves : Unidades de Conservação. Vitória. Topofilia.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROA.....	ix
LISTA DE FIGURAS.....	x
1 INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Objetivos.....	3
1.1.1 Objetivo Geral.....	3
1.1.2 Objetivos Específicos.....	3
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	4
2.1 Percepção.....	4
2.2 .Topofilia, Topofobia e Solastalgia.....	7
2.3..Unidades de Conservação e SNUC.....	10
2.4 Favela	14
2.5 - PESQUISA QUALITATIVA.....	15
3 METODOLOGIA.....	17
3.1 Definição, ajuste e aplicação do questionário.....	18
3.2 Dados secundários e questionário.....	19
3.3 Caracterização da área.....	20
3.3.1 Breve histórico da região.....	24
3.3.1.1 O platô do Maciço Central.....	24
3.3.1.2 Orquidário Municipal.....	26
3.3.1.3 Chafariz da Capixaba.....	27
3.3.1.4 Rua Barão de Monjardim.....	29
3.3.1.5 Forte São João.....	31
4 RESULTADOS DA PESQUISA.....	32
4.1 Relatos e observações iniciais.....	32
4.2 Favela X Comunidade.....	34
4.3 Plano de Manejo.....	39
4.4 Terceirização.....	41
4.5 Populações no entorno.....	41
4.6 A Floresta.....	47

4.7 PONTUAÇÕES SOBRE OS DIÁLOGOS COM OS MORADORES DO ENTORNO	50
4.7.1 PARTE 1 – ÁREAS VERDES E PARQUE NATURAL MUNICIPAL GRUTA DA ONÇA.....	50
4.7.1.1 Infância e áreas verdes.....	50
4.7.1.2 Lazer.....	55
4.7.1.3 – Percepções sobre o Parque.....	56
4.7.1.4 – Memórias.....	61
4.8- PARTE 2- PERCEPÇÕES DOS ATORES ACERCA DAS REGIÕES ONDE MORAM.....	61
4.8.1- Barão de Monjardim.....	61
4.8.2.- Forte São João.....	62
4.8.3 Gradientes à título ilustrativo.....	62
4.9 SUGESTÕES.....	66
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	67
APÊNDICES.....	73

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Impressão dos moradores da Barão de Monjardim entrevistados acerca de sua região.....	73
Quadro 2 - Impressão dos moradores do Forte São João entrevistados acerca de sua região.....	74

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização do Parque natural Municipal Gruta da Onça em relação ao Bairro Forte São João a direita e abaixo a Rua Barão de Monjardim.....	29
Figura 2: Parque Natural Municipal Gruta da Onça e Forte São João visto do Penedo.....	32
Figura 3: Mapa das poligonais e ZEIS (Zonas Especiais de Interesse Social).....	33
Figura 4: Planta Geral de Vitória de 1895, por André Carloni.....	35
Figura 5: Fonte Barbosa Rodrigues, atual poço dos Escravos, onde se observa ao centro e a esquerda plantas fixadas sobre as rochas.ao fundo.....	38
Figura 6 – Chafariz da Capixaba no início do século XX.....	39
Figura 7: Rua Barão de Monjardim.....	41
Figura 8: Vista da Vila da Vitória	42
Figura 9: Forte São João em 1940.....	43
Figura 10: Logo do antigo Projeto Terra.....	50
Figura 11: Logo do projeto revitalizado; Projeto Terra mais igual.....	51
Figura 12: Gradientes ilustrando a intensidade das respostas no Forte São João e Barão de Monjardim acerca de deslizamento.....	75
Figura 13: Gradientes ilustrando a intensidade das respostas no Forte São João e Barão de Monjardim acerca de projetos sociais.....	75
Figura 14: Gradientes ilustrando a intensidade das respostas no Forte São João e Barão de Monjardim acerca das vantagens de suas regiões	76
Figura 15: Gradientes ilustrando a intensidade das respostas no Forte São João e Barão de Monjardim acerca de outra vantagem de suas regiões, a relação da vizinhança.....	76
Figura 16: Gradientes ilustrando a intensidade das respostas no Forte São João e Barão de Monjardim acerca das desvantagens de suas regiões.....	77
Figura 17: Gradientes ilustrando a intensidade das respostas no Forte São João e Barão de Monjardim acerca de esgoto e água.....	77
Figura 18: Gradientes ilustrando a intensidade das respostas no Forte São João e Barão de Monjardim acerca de lixo.....	78

INTRODUÇÃO

Reflexões sobre o conceito de percepção permeiam a cultura humana em diversos setores como: literatura, música, pintura, filosofia, observação da paisagem e informática; também chegando ao grande público. Uma das citações mais conhecidas é a do poeta William Blake “se as portas da percepção estivessem limpas, tudo apareceria para o homem tal como é: infinito”; que se tornou referência para diversas manifestações culturais.

Tuan (1980) afirma em seu livro, *Topofilia*, que a realidade nunca é exaustivamente conhecida, mesmo com a variedade de perspectivas humanas. As consequências poderão ser várias, por exemplo, se um elevado número de pessoas percebe um determinado aspecto da realidade como um recurso, haverá probabilidade de exploração. A atitude ambiental é alterada paralelamente ao aumento do domínio sobre a natureza e conseqüentemente modificará o conceito de beleza, tanto de um grupo como do indivíduo. Para o autor, as estatísticas que revelam o número de pessoas que visitam as Unidades de Conservação ou compram casas de verão informam sobre as curvas modais e o estado da economia. Porém não conseguem exprimir os sentimentos reais das pessoas em relação à esses ambientes. Esses dados não exprimem por si só, a totalidade das informações presentes nos momentos usufruídos pelas pessoas em meio ambiente natural. Na concepção de Tuan percepção:

“[...] é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura” (TUAN,1980,p.4)

A discussão sobre as diferentes percepções se faz necessária. Atualmente com o crescimento das cidades, a população mundial transforma como nunca antes os recursos naturais. A sociedade altera o seu meio, retirando a cobertura vegetal que cede lugar para estradas, casas e equipamentos públicos gerando diversas consequências (LIMA; AMORIM, 2006).

As Unidades de Conservação se tornam um ótimo exemplo de espaço que geram diferentes percepções nas pessoas. Nelas ocorrem conflitos ambientais pois

os atores sociais envolvidos apresentam diferentes lógicas para a gestão dos bens coletivos de uso comum. Com essas relações conflituosas podem ser vislumbradas propostas de entendimento e crescimento, favorecendo a regulação das áreas de Unidades de Conservação. Tais áreas podem vir a ser um laboratório de estudo de conflitos, uma vez que, sendo um espaço com limites definidos é facilitada a observação e análise que requer uma visão interdisciplinar (BRITO, 2008).

Analisar as percepções das pessoas requer abster-se ao máximo de uma visão monofocal. Afinal, o necessário é analisar de forma cada vez mais orgânica os sentimentos e os anseios das pessoas em relação ao ambiente em que vivem.

O Parque Natural Municipal Gruta da Onça, localizado no centro da cidade de Vitória, no Espírito Santo, tem no seu entorno a rua Barão de Monjardim na Explanada Capixaba e o bairro Forte São João na parte mais alta. Os moradores dessas localidades são os principais atores sociais do Parque e apresentam diferentes percepções, as quais o presente estudo pretende apontar.

1.2. Objetivos

1.2.1. Objetivo Geral

- Investigar as diferentes percepções dos atores do entorno do Parque Natural Municipal Gruta da Onça a respeito das suas relações com áreas verdes, da Unidade de Conservação apresentada e do ambiente onde vivem.

1.2.2. Objetivos Específicos

- Descrever a partir da observação participante, o cotidiano dos moradores do entorno a fim de elucidar as interações das ações dessas pessoas com seu meio nas perspectivas culturais e ambientais;
- Interpretar as narrativas dos moradores do entorno da UC e contextualizá-las com a literatura abordando temáticas e situações similares que poderão servir de referência para a região estudada;
- Sugerir propostas na região a partir das informações inventariadas no que tange a um melhor relacionamento entre a administração pública, sociedade civil e meio ambiente

2- REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 – PERCEPÇÃO

O estudo da percepção é comum em várias áreas, analisando-se por exemplo recepção de estímulos, intuição, ideia e imagem a fim de elucidar a compreensão sobre um determinado setor do conhecimento humano, como pintura, música, computação e a relação do ser humano com seu ambiente.

Segundo Merleau-Ponty “o espaço não é objeto de visão, mas objeto de pensamento”. O mundo percebido não é uma soma de objetos e a relação do homem com o ambiente não pode ser analisada como a de um pensador com seu objeto de pensamento. Embora a presença da percepção não seja explicitamente reconhecida pelo perceptor, a relação é de certo modo orgânica. Ocorre uma superposição a um mundo de ideias ao mundo percebido, paralelamente ocorrendo em um determinado tempo de vida e período cultural. Toda consciência é por si só perceptiva, até a consciência do próprio ser humano em relação a si mesmo. A coisa percebida não é uma unidade ideal decifrada pelo intelecto; é uma totalidade aberta ao horizonte de um número indefinido de perspectivas que se fragmentam de acordo com um determinado estilo que acaba por definir o objeto do qual se trata (MERLEAU-PONTY, 1990).

A percepção e a sensação foram pautas obrigatórias de discussões filosóficas acerca dos princípios fundamentais de “aquisição” de conhecimento. A sensação é parte de uma etapa de captação primária de dados pelo organismo e está altamente associado a um sensor privilegiado que repassa esses dados para áreas diversificadas e integradas da atividade neurofisiológica do organismo resultando na percepção, sendo um estágio na elaboração do conhecimento. (MARI;SILVEIRA, 2010).

Duas pessoas não veem a mesma realidade, assim como, dois grupos sociais possuem percepções diferentes. O ser humano é capaz de registrar uma variedade de estímulos ambientais, porém a maioria das pessoas durante suas vidas faz pouco uso de sua capacidade perceptiva. O homem utiliza para progredir no mundo majoritariamente a visão em detrimento dos demais sentidos, sendo a visão também limitada. Para o autor na sociedade atual o homem é cada vez mais dependente desse sentido, acreditando que o espaço é restrito e estático e enxergando como um quadro ou matriz para os objetos. Assim, não desenvolve outros sentidos, olfato

e tato principalmente por exigirem proximidade e ritmo lento para funcionar (TUAN,1980).

As pessoas atribuem neutralidade ao ato de olhar, como se fosse uma janela transparente para o mundo, tal como ele é. Entretanto não são os olhos, e sim principalmente o cérebro o responsável pela forma como se enxerga e, portanto responsável pela forma como as aparências do mundo são registradas. Os olhos captam as imagens de modo invertido, em sua maioria sem cores e com dois pontos cegos. Então, o ato de ver depende da atuação do cérebro sobre as informações que os olhos são capazes de codificar. Como nem todas as informações enviadas pelos olhos ao cérebro podem ser processadas conscientemente devido às limitações biológicas, o cérebro dedica-se apenas às que considera ser de interesse mais expressivo, fenômeno conhecido como percepção seletiva. A dimensão cultural é em grande parte o fator que predispõe o foco do que é observado. A percepção seletiva é estruturada e se torna inerente a partir de rotinas, preferências e práticas. A experiência visual não pode codificar o real em sua total dimensão, é limitado a diferentes práticas e variantes culturais, portanto não pode ser identificada como inata e universal, ou seja, como se fosse igual para todos, independente de seu contexto histórico (SERVIO, 2014).

Mesmo os órgãos dos sentidos sendo semelhantes em todas as pessoas, o modo como são usados e desenvolvidos se distanciam já na tenra idade resultando, em cada pessoa, diferentes capacidades dos sentidos e conseqüentemente atitudes com o meio ambiente. O autor corrobora a afirmação de que o ser humano desenvolveu a capacidade para o comportamento simbólico, sendo a linguagem de sinais e símbolos exclusiva da espécie humana que a usa como ferramenta na construção de mundos mentais a fim de se relacionar entre si e com a realidade externa. Construiu, portanto um meio ambiente artificial através dos processos mentais, como os mitos, fábulas, taxonomias e ciências. Tudo isso pode ser analisados como casulos costurados para se sentir confortável na natureza (TUAN,1980).

As informações que chegam ao indivíduo são filtradas pelos elementos valorizados por este. E com o passar do tempo essas informações se tornam cada vez mais atreladas à valores culturais. Com esses “filtros” cada indivíduo tem sua própria percepção de mundo, o que envolve o uso de categorias mentais com os

quais se classificam e ordenam os fenômenos ao seu redor (COLESANTI; COSTA, 2011).

Com o processo evolutivo; o funcionamento do cérebro ao longo do tempo foi sendo adaptado à mecanismos dotados com representações internas de mundo e de corpo adequados para a sobrevivência de cada animal. O cérebro se tornou uma máquina projetiva, refletindo no mundo suas interrogações. Segundo ele, a percepção não pode ser analisada apenas como uma interpretação de imagens sensoriais (BERTHOZ ,1997).

Como dito, o estudo da percepção é notório em diversas áreas. Nas artes, por exemplo, discute-se o fato de civilizações antigas, entre elas os gregos, rodeados pelo mar, não citarem a cor azul em suas obras, provavelmente porque além de ser rara na natureza, não se fazia necessária a definição(SANSCRITÁN,2015, VENTURA, 2016;) .No Impressionismo, que teve seu expoente em Monet, a complementariedade das cores, até então não percebidas com tanta intensidade nas telas, foi intensamente discutida por artistas e cientistas; deviam sentir-se arrebatados pelos mundos novos cheios de cor que estavam enxergando (OSTROWER,1986).

Atualmente, cada vez mais busca-se uma visão integrada da ciência para compreender o sistema nervoso, tendo assim uma compreensão melhor acerca da percepção humana. Com o grupo dos “cibernéticos” essa busca integrada tem resultados cada vez mais palpáveis no cotidiano atual. O neurocientista Warren McCulloch pesquisou em disciplina das mais variadas, fisiologia, psicologia, neuropsiquiatria, neurofisiologia, lógica e juntamente com o matemático Walter Pitts publicou em 1943 o artigo "A logical calculus of the ideas immanent in nervous activity" em que se baseando nos estudos sobre as células nervosas vivas criaram o primeiro modelo lógico-matemático de um neurônio biológico, considerado o primeiro trabalho de Inteligência Artificial (BRITTO LEITE; GONÇALVES, 2009; MARSALI,20- -).

A fim de ilustrar como o estudo da percepção influencia várias áreas, tão presentes na atualidade, pode-se ter como exemplo a seleção de imagens virtuais. Agüera y Arcas, que coordena uma equipe do Google de Inteligência Artificial. afirma:

“[...] percepção: o processo pelo qual as coisas abstratas, sons e imagens, podem se tornar conceitos na mente. Isso é essencial para o nosso cérebro e também muito útil em um computador. Os algoritmos de percepção artificial, criados por nós, por exemplo, são o que permitem que suas fotos do Google Fotos sejam pesquisáveis, baseando-se no que há nelas (Agüera y Arcas, 2016)”

No Brasil, James Griffith da Universidade Federal de Viçosa, explicou em 2010 que a importância do seu artigo na Revista Brasil Florestal de 1979 foi em apontar o que ele chamou de “o efeito de vivacidade da paisagem” nos olhos do observador. No entanto hoje ele acredita que a causa da vivacidade não seja tanto a geometria estática do lugar. Ele se refere especificamente à ideia de presença de certos fractais na paisagem. Esse conceito foi cunhado na arte fractal. Em famosas obras de arte existem justaposições de fractais, ou padrões, que são repetidas em várias escalas. Alguns desses fractais produzem um efeito visual em que devido às múltiplas formas e cores autossemelhantes são criadas tensões similares e diferenças que estimulam a experiência de vivacidade visual. Esse fenômeno também ocorre em paisagens naturais (GRIFFITH, 2010). No artigo de 1979, o autor afirma que pelas acentuações múltiplas e pelos seus contrastes os elementos visuais emitem vivacidade (GRIFFITH; VALENTE, 1979).

Em 1973 a UNESCO lançou um pioneiro painel no Projeto 13: Man and the Biosphere (MAB) intitulado ‘Percepções da Qualidade Ambiental’; enfatizando a importância dessa temática na área ambiental. O relatório priorizou as pesquisas em percepções nas seguintes áreas: perigos ambientais; áreas ecológicas isoladas ou periféricas; parques nacionais e áreas correlacionadas sem alteração humana; importância ecológica; história e estética de paisagens feitas pelo homem; qualidades em ambientes urbanos e desenvolvimento e melhorias abrangendo modelos de planejamento de políticas ambientais (UNESCO, 1973).

2.2 – TOPOFILIA, TOPOFOBIA E SOLASTALGIA

Segundo Tuan (1980), geógrafo humanista e responsável pela consolidação do termo Topofilia, essa palavra que define um sentimento é:

“[...]útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética:

em seguida, pode variar do efêmero, prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o locus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida. A topofilia não é a emoção humana mais forte. Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou meio ambiente é veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo (TUAN,1980, p.107).”

Para o autor, analisando-se a importância do lugar ou meio ambiente como fator da produção das imagens para que ocorra a topofilia, revela-se que mesmo as imagens sendo um produto do meio ambiente não significa que este as tenha determinado nem é necessário acreditar que ambientes específicos possuem um poder irresistível de despertar sentimentos topofílicos. Porém o meio ambiente fornece o estímulo sensorial que ao agir como imagem percebida origina alegrias e ideais. Os estímulos sensoriais são ilimitados, aquilo que prende a atenção é devido ao temperamento individual, do propósito e das forças culturais da época. Ele argumenta que a topofilia pode assumir muitas formas e varia muito em amplitude emocional e intensidade, podendo ser: prazer visual efêmero; deleite sensual de contato físico, apego por um lugar ser familiar, evocação do orgulho de posse ou de criação; alegria nas coisas causada pela saúde e vitalidade animal.

“As imagens da topofilia são derivadas da realidade circundante. As pessoas atentam para aqueles aspectos do meio ambiente que lhes inspiram respeito ou lhes prometem sustento e satisfação no contexto das finalidades de suas vidas. As imagens mudam à medida que as pessoas adquirem novos interesses e poder, mas continuam a surgir do meio ambiente: as facetas do meio ambiente, previamente negligenciadas são vistas agora com toda claridade” (TUAN,1980, p.137).

Topofobia é a aversão ao lugar refletida também nas paisagens do medo que são objetos de repulsão. Os sentimentos topofóbicos podem ser relacionados também aos aspectos estéticos devido a certos lugares serem feios e desagradáveis para alguns. A falta de segurança nas cidades pode ser um fator de topofobia, uma vez que temendo a violência muitas pessoas desejam mudar de lugar (STURZA; MACHADO, 2006). Embora esse termo não tenha sido abordado especificamente por Tuan (2005);argumenta que o medo é um sentimento complexo e subjetivo tendo diferentes facetas. Pode ser como um sinal de alarme, detonado por um evento inesperado impeditivo no meio ambiente cuja resposta da pessoa é enfrentar, fugir ou também a ansiedade, uma sensação mais difusa de medo causada muito por uma antecipação. Nesse contexto, o autor destaca que nas cidades, a principal

forma de medo é a ansiedade, causadora do sentimento de insegurança. Borges Filho afirma:

“[...] quando o espaço se aproxima do nefasto, temos a topofobia. No campo semântico da topofobia encontramos, entre outras situações, a claustrofobia e a agorafobia que definem antiteticamente algumas das relações topofóbicas com o espaço (BORGES FILHO, 2007, p. 158-159).”

Solastalgia é um neologismo, criado pelo filósofo ambiental Glenn Albrecht a partir de conhecimentos de vários pensadores ambientais que perceberam a relação entre as pressões ambientais provocadas pelo homem com o ‘stress’ físico sofrido pela população desse ambiente. Ele afirma o seguinte a respeito das pessoas que se encontram nessa situação:

“Solastalgia, em contraste com as dimensões espaciais e temporais deslocadas da nostalgia, refere-se a um conjunto de diferentes circunstâncias. É a dor experimentada quando se reconhece que se reside e que se ama está sob ataque imediato (desolação física). É manifesto em um ataque ao sentido de lugar, na erosão do sentimento de pertencimento (identidade) de um determinado lugar e um sentimento de angústia (desolação) sobre sua transformação. É um desejo intenso de lugar onde reside a ser mantido em um estado que continua a dar conforto ou consolo. Solastalgia não é olhar para trás para algum passado dourado, nem é sobre como procurar outro lugar como "casa". É a "experiência vivida" da perda do presente manifestando um sentimento de deslocamento causado por forças que destroem o potencial de consolo no presente. Resumidamente, solastalgia é uma forma de nostalgia que se obtém quando se está ainda em 'casa'. (ALBRECHT, 2007, p. 45)”

Esse neologismo é formado pela palavra latina “solacium”, “solace”, significando consolo (KAPFHAMMER, 2012). O autor observa: “pessoas que continuam em seus ambientes domésticos podem experimentar um stress relacionado ao local diante da experiência de uma profunda mudança ambiental”. Ele afirma que as pessoas envolvidas continuam no seu lar no entanto passam por uma situação nostálgica em relação a este. Há uma falta de consolo ou conforto em relação à esses ambientes.

Albrecht(2007) a notou em comunidades que passaram por transformações ambientais causadas pela poluição e mudanças climáticas. Enquanto a nostalgia ocorre quando o ambiente familiar muda drasticamente, podendo trazer também stress físico, emocional e psicológico (Mason,2010). Embora a denominação seja recente esse sentimento é há muito sentido. Pode-se notá-lo em descrições históricas, contos, poemas. Um dos casos mais notórios brasileiro é do poeta Drummond e sua relação com sua antiga cidade, protagonista de várias de suas narrativas. Em um poema de 1973, A Montanha Pulverizada, ele narra o

desaparecimento do Pico do Cauê, outrora marca do município de Itabira, sua terra natal:

Chego à sacada e vejo a minha serra,
a serra de meu pai e meu avô,
de todos os Andrades que passaram
e passarão, a serra que não passa.

(...)

Esta manhã acordo e não a encontro,
britada em bilhões de lascas,
deslizando em correia transportadora
entupindo 150 vagões,
no trem-monstro de cinco locomotivas
— trem maior do mundo, tomem nota —
foge minha serra, vai
deixando no meu corpo a paisagem
mísero pó de ferro, e este não passa. (ANDRADE, 1974, p. 42)

2.3 - UNIDADES DE CONSERVAÇÃO E SISTEMA NACIONAL DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA (SNUC)

É creditado ao parque norte-americano de Yellowstone, criado em 1872, o fato de ser o primeiro parque nacional do mundo. Porém oito anos antes em 1864, também nos Estados Unidos, na Califórnia, foi criado o Parque Estadual de Yosemite, um local para proteger e enaltecer a natureza (GODOY, 2000, MENIS; CUNHA, 2011). No entanto, Yellowstone se tornou um modelo e sua representação se sobrepôs: “É em Yellowstone que se articula, pela primeira vez, uma resposta estética e científica sobre a natureza. Na sua criação estava implícito um conjunto muito amplo de saberes – de técnicas e tecnologias - desconhecidos na época da criação de Yosemite” (GODOY, 2000, p.130).

Esse modelo americano serviu de norteador para os outros países. Partiram do princípio de que a presença humana é sempre devastadora, deixando de ser considerados os diferentes modos de vida das chamadas “*populações tradicionais*” existentes em outros países como na América do Sul e África. Diegues (2001) enfatiza que essa postura preservacionista na criação de parques nacionais gerou conflitos afetando populações de extrativistas, pescadores e índios, em países do Terceiro Mundo. A criação de outros parques pelo mundo, Canadá (1885), Nova Zelândia (1894), Austrália e na África do Sul (ambos em 1898) seguiu o modelo de Yellowstone (VALLEJO, 2002).

As primeiras medidas efetivas de proteção em solo brasileiro ocorreram através da iniciativa do Engenheiro André Rebouças em 186, propondo a criação de dois Parques, que seriam: o Parque Nacional da Ilha do Bananal e o Parque Nacional das Sete Quedas do Rio Paraná. As propostas não foram concretizadas (HASSLER, 2005). Em 1908, com o objetivo de criação de dois núcleos coloniais, a Fazenda Federal adquiriu do Visconde de Mauá as terras que constituíram inicialmente o Parque do Itatiaia. Em 1929, foi criado ali uma Estação Biológica e, em 1937, foi criado o Parque Nacional de Itatiaia, no Rio de Janeiro, o primeiro Parque Nacional Brasileiro (INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE, [20??]).

A gestão de uma Unidade de Conservação tem a necessidade de administrar problemas ambientais, econômicos, sociais e políticos como graves conflitos entre as populações locais e as ações dos gestores das áreas. Como no Brasil, a política de criação e manutenção de UC's tem seus fundamentos oriundos na criação das áreas protegidas internacionais e são geralmente impostas pelo governo com pouca ou nenhuma participação da população que nelas residiam, ocasionando impedimentos à preservação dessas áreas (BRITO, 2008).

A Lei 9.985, 18 de julho de 2000 institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) que é constituído pelo conjunto de unidades de conservação federais, estaduais e municipais. Segundo o SNUC as Unidades de Conservação (UC) são “*espaços territoriais e seus componentes, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituídos pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias de proteção*”.

O art. 4º do SNUC aborda seus objetivos:

- I - contribuir para a manutenção da diversidade biológica [...];
- II - proteger as espécies ameaçadas [...];
- III - contribuir para a preservação e a restauração da diversidade de ecossistemas [...];
- IV - promover o desenvolvimento sustentável [...];
- V - promover a utilização dos princípios e práticas de conservação da natureza [...]; VI - proteger paisagens naturais [...];
- IX - recuperar ou restaurar ecossistemas degradados [...]
- X - proporcionar meios e incentivos para atividades de pesquisa científica, estudos e monitoramento ambiental;
- XI - valorizar econômica e socialmente a diversidade biológica;
- XII - favorecer condições e promover a educação e interpretação ambiental, a recreação em contato com a natureza e o turismo ecológico;
- XIII - proteger os recursos naturais necessários à subsistência de populações tradicionais, respeitando e valorizando seu conhecimento e sua cultura e promovendo-as social e economicamente

E define no segundo artigo Unidades de Conservação como:

Espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção.

No artigo 5º do SNUC está estabelecido em pelo menos três incisos (II, III e V) a necessidade do envolvimento das comunidades locais. Destacando-se o terceiro m que é dado ênfase quando do processo de criação de uma UC assegurar “ a participação efetiva das populações locais na criação, implantação e gestão das unidades de conservação”.

De acordo com o art. 7º do SNUC, as Unidades de Conservação dividem-se em dois grupos com características específicas: as Unidades de Proteção Integral e as Unidades de Uso sustentável. Formando 12 categorias de manejo. As Unidades de Proteção Integral são focadas na preservação da natureza e se admite o uso indireto dos seus recursos naturais, como o turismo ecológico, práticas de educação ambiental, pesquisa científica, entre outras. As Unidades de Uso Sustentável, possuem como objetivo básico compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela dos seus recursos naturais. Dentre as Unidades de Proteção Integral está o Parque Nacional, cuja definição, objetivo e característica são apresentadas no art.11 do SNUC:

Art. 11. O Parque Nacional tem como objetivo básico a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico.

§ 1º O Parque Nacional é de posse e domínio públicos, sendo que as áreas particulares incluídas em seus limites serão desapropriadas, de acordo com o que dispõe a lei.

§ 2º A visitação pública está sujeita às normas e restrições estabelecidas no Plano de Manejo da unidade, às normas estabelecidas pelo órgão responsável por sua administração, e àquelas previstas em regulamento.

§ 3º A pesquisa científica depende de autorização prévia do órgão responsável pela administração da unidade e está sujeita às condições e restrições por este estabelecidas, bem como àquelas previstas em regulamento.

§ 4º As unidades dessa categoria, quando criadas pelo Estado ou Município, serão denominadas, respectivamente, Parque Estadual e Parque Natural Municipal.

Aos Parques quando criados no nível municipal serão denominados de Parque Natural Municipal. Já no Grupo das Unidades de Uso Sustentável dentre as categorias está a Área de Proteção Ambiental:

Art. 15. A Área de Proteção Ambiental é uma área em geral extensa, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais.

§ 1º A Área de Proteção Ambiental é constituída por terras públicas ou privadas.

§ 2º Respeitados os limites constitucionais, podem ser estabelecidas normas e restrições para a utilização de uma propriedade privada localizada em uma Área de Proteção Ambiental.

§ 3º As condições para a realização de pesquisa científica e visitação pública nas áreas sob domínio público serão estabelecidas pelo órgão gestor da unidade.

§ 4º Nas áreas sob propriedade privada, cabe ao proprietário estabelecer as condições para pesquisa e visitação pelo público, observadas as exigências e restrições legais.

§ 5º A Área de Proteção Ambiental disporá de um Conselho presidido pelo órgão responsável por sua administração e constituído por representantes dos órgãos públicos, de organizações da sociedade civil e da população residente, conforme se dispuser no regulamento desta Lei.

A iniciativa conservacionista em Vitória começou no início do século XX. Em 1901 devido às diminuições de vazão das fontes de água potável que abasteciam a cidade; foram criadas normas para o uso da vegetação e ocupação do Maciço Central, visando melhorar o abastecimento. A primeira Unidade de Conservação de Vitória foi a Reserva Biológica Ilha do Lameirão em 27 de maio de 1986 (GRIFFO; SILVA, 2013).

2.4 – Favela

A origem do nome favela se deve às plantas da família Euphorbiaceae. A ocorrência dessas plantas denominou uma encosta do arraial de Belo Monte de Canudos, o chamado 'Alto da Favela' onde ocorreu a Guerra de Canudos. No retorno a então Capital Rio de Janeiro, os soldados se instalaram no Morro da Providência (QUEIROZ FILHO, 2011). Os soldados já eram estigmatizados; Euclides da Cunha no clássico "Os Sertões" (CUNHA, 1984) revela que sofriam estigma e eram recrutados nas classes marginalizadas. Medina (1964) afirma que o Morro da Providência foi rebatizado como Morro da Favela sendo além de uma homenagem ao ponto estratégico que auxiliou na vitória das tropas republicanas em Canudos, um símbolo das semelhanças entre as circunstâncias vivenciadas no sertão e na capital federal. Entre elas estava a topografia que permitia visualizar o "inimigo" nos dois casos (Antônio Conselheiro em Canudos e já no Rio de Janeiro, o Ministério da Guerra que atrasava o pagamento dos soldos; representando a situação fisicamente tinha um Quartel General do Exército localizado no sopé do Morro da Providência). As privações da guerra podiam ser comparadas ao desamparo dos ex-combatentes, pois o pagamento dos soldos e pensões aos sobreviventes e inválidos eram constantemente atrasados (QUEIROZ FILHO, 2011).

"A dicotomia "litoral versus sertão" abordada em "Os sertões" é transferida para "cidade versus favela", a mesma figura de "mundos" distantes, embora favelas e cidades sejam muito mais unidas do que o sertão do litoral (VALLADARES, 2000). O livro "Os Sertões" ajudou a criar um imaginário coletivo sobre favela. Desde aquela época há uma clara associação entre 'morro' e favela (QUEIROZ FILHO, 2011).

O embrião das favelas foram os cortiços que se extinguiram devido a medidas administrativas como legislação proibindo a construção de novos cortiços seguida pela luta para destruir o maior de todos no Rio de Janeiro, chamado "Cabeça de Porco", e a reforma urbana do prefeito Pereira Passos que tinha como proposta sanear e civilizar a cidade. Antes ainda do término da Guerra de Canudos, antigos moradores do grande cortiço foram morar no morro detrás da estalagem onde havia lotes dos antigos proprietários que mantiveram assim seus inquilinos (estes então não perderam o dinheiro oriundo dos aluguéis) (VALLADARES, 2000). O termo

cortiço provavelmente é uma analogia com as colmeias que abrigam abelhas-operárias dentro de caixas de cortiças: pouco espaço, muitos moradores e zumbidos (VAZ, 1994).

Algumas respostas aos problemas de sustentabilidade nas grandes cidades podem estar nas favelas. O modelo integrado de construções é segundo David King, conselheiro científico chefe do governo britânico, construído para atender as necessidades dos moradores. A forma de auto-organização, evitando o planejamento de “cima para baixo” e distâncias que são percorridas “a pé” podem ser um modelo para cidade planejada, se aproximando mais à cidades como Barcelona, do que Houston, capital econômica do Texas, nesta cidade a média de tempo no carro é de três horas por dia e há elevadas taxas de obesidade. Ele também aborda que não se deve ver as cidades em unidades separadas e sim como uma rede de sistemas (BANDEIRA,2015; MERRICK,2014).

2. 5 – PESQUISA QUALITATIVA

A pesquisa qualitativa aborda um nível de realidade que não pode e nem deveria ser quantificado, trabalhando com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (MINAYO,2009). Neto (1999) afirma que nesse tipo de pesquisa a aproximação com as pessoas da área de estudo deve ser gradual e com respeito, alcançando uma efetiva interação. Esse autor também afirma que as informações necessárias estão inseridas num jogo cooperativo conquistado através do diálogo e não por uma colaboração sob pressão.

A observação participante é uma das técnicas usadas na pesquisa qualitativa sendo realizada através do contato direto com o fenômeno observado, obtendo informações da realidade dos atores sociais dentro de seus contextos. O observador estabelece uma relação face a face com os observados podendo modificar e ser modificado. Através dessa técnica pode-se captar uma gama de situações ou fenômenos que não são obtidas através de entrevistas (NETO,1994). É preciso atenção, observar com cuidado pois sempre há uma miríade de informações. Segundo Lévi-Strauss (1990):

“[...] não é contraditório que uma história de símbolos, e de signos, engendre desenvolvimentos imprevisíveis, ainda que utilize combinações naturais, cujo número é

limitado. Num caleidoscópio a combinação de elementos idênticos dá sempre novos resultados.” (Lévi- Strauss, 1990, p. 217)

A entrevista é o procedimento mais usual em um trabalho de campo de cunho social. Não significa uma conversa despreziosa pois é um meio de coleta dos fatos relatados pelos atores enquanto sujeito-objeto da pesquisa que focaliza uma realidade a qual vivenciam. As entrevistas se relacionam com atitudes e opiniões dos sujeitos entrevistados (Neto,1994). Uma das classificações são as entrevistas semi-estruturadas que combinam perguntas abertas e fechadas sobre a temática estudada permitindo uma cobertura mais profunda do assunto. Mesmo seguindo perguntas previamente definidas o contexto é muito semelhante ao de uma conversa informal. Nos momentos oportunos o pesquisador pode dirigir a discussão fazendo perguntas adicionais ou ajudar o entrevistado a se reintegrar ao contexto da entrevista (BONI; QUARESMA, 2005).

Segundo Bordieu (1999) a formulação das questões requer cuidado, atentando-se para não elaborar perguntas absurdas, arbitrárias, ambíguas, deslocadas ou tendenciosas. Deve levar-se em conta a sequência do pensamento do pesquisado, ter uma continuidade na conversa, conduzindo a entrevista com um certo sentido lógico. Para se obter uma narrativa natural muitas vezes não é interessante fazer uma pergunta direta, bom a fazer é direcionar o pesquisado a relembrar parte de sua vida.

Diferentemente de outros métodos, a pesquisa qualitativa não se restringe ao critério numérico para definir uma amostra representativa. O que deve ser levado em questão é:

“Quais os indivíduos sociais têm uma vinculação mais significativa para o problema a ser investigado? A boa seleção dos sujeitos ou casos a serem incluídos no estudo é aquela que possibilita abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões.” (MINAYO, 2009)

A definição do número de sujeitos por inclusão progressiva é um método comum em pesquisas qualitativas, em que o número de entrevistados não é demarcado a priori sendo terminada pelo critério de saturação, ou seja, quando as concepções, explicações e sentidos atribuídos pelos atores começam a ter uma regularidade (DESLANDES, 2009). É o momento em que o acréscimo de dados e informações a partir de uma observação ou entrevista não modificará o entendimento do fenômeno em estudo. Esse critério é um processo de validação

objetiva em trabalhos de áreas em que é impossível ou desnecessário o tratamento da amostra. Pode-se relacionar o conceito de saturação com o conceito de *habitus* delineado por Bourdieu, abordando sobre o adestramento social que leva à harmonização com a cultura em que se vive. (THIRY-CHERQUES,2009).

De acordo com Vergara (2007), os tipos de pesquisa podem ser definidos por dois critérios básicos: quanto aos fins e quanto aos meios. Quanto aos fins entre as taxinomias está a descritiva:

“Expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno. Pode também estabelecer correlações entre variáveis e definir sua natureza. Não tem compromisso de explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação (VERGARA,2003, p.47)”.

Quanto aos meios de investigação está a pesquisa de campo que baseia-se pela experiência que se está sendo aplicada na investigação e é realizada exatamente no local onde são observados os fenômenos estudados (VERGARA,2007).

3. METODOLOGIA

A metodologia abordada foi qualitativa, sendo uma pesquisa com fins descritivos adotando-se como procedimento de coleta de dados o estudo de campo. Adotou-se a observação participante nos três locais que comportam o presente estudo: Parque Natural Municipal Gruta da Onça (Figura 1), no bairro Forte São João e na rua Barão de Monjardim a partir de junho até a primeira quinzena de outubro de 2016. Os horários foram intercalados a fim de captar o máximo de observações possíveis acerca da região.

Em junho os horários de visita foram predominantemente a tarde no Parque e na rua Barão de Monjardim e a noite nos dias de reunião de liderança do Forte São João. De julho até setembro, dois dias da semana ficava-se horário integral circulando na região e outros dois dias variando entre manhã e tarde, a escolha entre o turno muitas vezes estava relacionada à eventos no Parque como reuniões e projetos de plantio de mudas envolvendo a sociedade ou também à eventos na rua ou no bairro Forte São João.

O outro turno era direcionado às pesquisas documentais na biblioteca da Secretaria de Meio Ambiente e Arquivo Público de Vitória além de reuniões com técnicos da Prefeitura de Vitória, líderes comunitários do Forte São João e

organizadores dos projetos desenvolvido na Unidade de Conservação como o 'Caminhos da Capixaba' e o 'Plantando Água'.

A cada semana um sábado ou domingo era escolhido para fazer a observação da região nos finais de semana. Assim na maior parte do tempo as observações a campo foram em cinco dias por semana.

Na primeira quinzena de outubro foram feitas visitas pontuais à região e prefeitura para obter mais informações em assuntos que se viu a necessidade de um maior detalhamento.

3.1 Definição, ajuste e aplicação do questionário

Foi feito o uso de diário de campo anotando-se as percepções obtidas e informações recolhidas. As informações eram anotadas em tópicos no dia das observações, sendo mais bem elaboradas durante a mesma semana.

O questionário foi elaborado na segunda quinzena de julho a partir das observações realizadas em campo, o que norteou as perguntas que teriam significância para o estudo e região.

As entrevistas semiestruturadas tiveram como atores: os moradores do bairro Forte São João e da Rua Barão de Monjardim; localidades no entorno do Parque. Foram necessárias quatro alterações no questionário de acordo com as dificuldades apresentadas nas 14 entrevistas- testes que ocorreram ao longo de todo o mês de agosto. Foram eliminadas perguntas que não funcionaram e houve trocas de termos. Com o aprofundamento do tema evitou-se usar termos que são na verdade conceitos complexos como natureza e meio ambiente. Mesmo essa particularidade sendo desconhecida da maioria dos atores entrevistados é necessário ser fiel aos conceitos e evitar ambiguidades. Questões fechadas foram transformadas em abertas a fim de não retirar a fluidez do diálogo como ocorreu nas prévias com essas questões.

As entrevistas de fato começaram na segunda semana de setembro indo até a primeira semana de outubro. Essa época foi concomitante com período eleitoral e atividades no Projeto Terra, o que tornou mais delicada a sua realização. Foram realizadas 39 entrevistas ao todo, destas, 24 foram no Forte São João e 15 na rua Barão de Monjardim. Além disso houveram conversas informais com outros moradores e antigos moradores da região e com a administração do Parque. As entrevistas foram gravadas e não se tomou anotações durante a sua realização, pois

foi percebido nas entrevistas-testes que quando eram feitas, o entrevistado queria ler disfarçadamente, perdendo seu foco; mesmo que colocasse as anotações longe de sua visão, causava certo desconforto para os atores, ocorrendo lapsos nas entrevistas. Assim a gravação de voz se tornou um meio eficaz de armazenar o diálogo e após o encontro tomava-se nota sobre observações relevantes do encontro. Em ambos os locais a maioria das entrevistas foram realizadas nas casas dos entrevistados. As entrevistas foram transcritas.

3.2 Dados secundários e questionário

Documentos e materiais antigos referentes à área de estudo foram pesquisados na Prefeitura Municipal de Vitória, no Arquivo Público do Espírito Santo, na Biblioteca Estadual e com antigos funcionários.

As categorias foram estabelecidas a partir da coleta. Para a discussão o questionário foi dividido em duas partes para uma melhor discussão e visualização das informações. O primeiro bloco contém os assuntos relacionados às áreas verdes e ao Parque, sendo portando relacionados às questões 1 a 8 (vide Apêndice). São discutidos em três tópicos:

- Infância e Áreas Verdes (relacionado às questões 1 e 2);
- Lazer (relacionado às questões 3 e 4);
- Percepções dos atores acerca do Parque Natural Municipal Gruta da Onça (relacionado às questões 5 a 8);

Já o segundo bloco contém os assuntos que abordam às regiões propriamente ditas onde os atores moram: rua Barão de Monjardim e bairro Forte São João. São abordados em quadros contendo as opiniões mais frequentes. Foram elaborados também gradientes à título de ilustração objetivando elucidar as diferentes intensidades de percepção no Forte e na Barão sobre cada temática abordada, os gradientes foram elaborados como um termômetro em que numa barra cromática com escala da cor mais clara à mais escura, tenta ilustrar a densidade do discurso dos moradores da rua Barão de Monjardim e do bairro Forte São João.

Em ambos os blocos nas discussões há breves trechos representativos de entrevistas. Todas as entrevistas estão gravadas e transcritas, caso seja necessária uma análise posterior.

Por fim, usando-se as diferentes técnicas de coletas foi realizada a triangulação, ou seja, sobreposição das informações, para análise alcançando a validade no estudo.

3.3 Caracterização da área

Figura 1: Localização do Parque natural Municipal Gruta da Onça em relação ao Bairro Forte São João a direita e abaixo a Rua Barão de Monjardim.



Fonte: Google Earth, Acessado em outubro de 2016

O Parque Municipal Gruta da Onça foi criado pela Lei Municipal nº 3564 de 22 de dezembro de 1988, localizado no Centro de Vitória, é um dos mais antigos de Vitória.

A Lei de sua criação, nº 3.564 de 22 de dezembro de 1988, afirma em seu Art. 2º que o PNMGO possui as seguintes finalidades:

- a) Proteção aos mananciais;
- b) Resguardados os atributos excepcionais da natureza, na região;
- c) A proteção integral da flora, da fauna e demais recursos naturais, com utilização para objetivos educacionais, científicos e recreativos;
- d) Assegurar condições de bem estar público;
- e) Abrigar o orquidário Municipal;
- f) Outros usos compatíveis com sua função. (Lei Municipal nº 3564, de 22 de dezembro de 1988, Art. 2º).

Em 05 de Dezembro de 2005, por meio da Lei Municipal nº 6482, o Parque passou a ser chamado de Parque Natural Municipal da Gruta da Onça.

É uma área natural e está inserida juntamente com outros parques em uma Unidade de Conservação de Manejo Sustentável, na categoria Área de Proteção Ambiental (APA). Localizando-se na parte Sul da Área de Proteção Ambiental do Maciço Central de Vitória que por sua vez foi criada pelo Decreto Municipal nº 8.911/92, com o objetivo de "regulamentar o uso das diversas atividades de modo a assegurar a preservação, melhoria e recuperação da qualidade ambiental dos ecossistemas ali existentes".

Localizado no centro da cidade, com aproximadamente 6,89 hectares preserva um pequeno fragmento florestal da Mata Atlântica de Encosta. O declive é acentuado alcançando a cota altimétrica de 150 metros (GRIFFO; SILVA,2013; VITÓRIA, 2012). A flora presente nessa Unidade de Conservação é de espécies presentes na Mata Atlântica como bromélias, orquídeas, árvores como: pau-ferro, pau-d'alho, ipês, ingás, sapucaias, adernes, jequitibás e a fauna é constituída principalmente por sagui da cara branca, gambá, lagarto teiú, beija-flor, sabiá, rolinha, bem-te-vi, cobra jibóia e invertebrados (VITÓRIA,2012). O acesso principal ao Parque é pela rua Barão de Monjardim. Pode-se também ter acesso através de uma trilha no bairro Forte São João, na parte mais elevada do Parque.

Na entrada do Parque há escadarias, diversas árvores, matacões, além de um córrego oriundo das nascentes presentes no Parque. As águas de uma das nascentes era canalizada e conduzida pelo aqueduto até o Chafariz da Capixaba. Logo chega-se à Gruta da Onça localizada entre matacões rochosos. Acima existe um monumento da Onça em tamanho ampliado que foi inaugurado em 1966 e ao lado um pé de jambo que em época de florescência cobrem a pedra e a própria onça em um tom rosa. Adiante há uma praça com jardins, bancos e mesas de xadrez proporcionando ao visitante um ambiente para descanso, piqueniques, lanches. Num ponto acima está a Praça do Mulembá em alusão a um exemplar de figueira a, que cresceu sobre uma rocha. No mesmo local, um pouco acima, há o Espaço Ecumênico, uma capela contendo uma pintura do artista Ely Vicentini, de julho de 1996 retratando a fauna e flora da Mata Atlântica com uma imagem que faz alusão à Jesus Cristo sendo confundido por uns com São Francisco de Assis, o santo protetor dos animais.

Na divisa do Parque com o Forte São João há um mirante onde é possível ter uma visão Panorâmica do Parque, do Centro de Vitória e do Complexo Portuário, conseguindo visualizar partes de Vila Velha, Cariacica e o relevo da Serra. Esse mirante faz parte dos acessos dos moradores do Forte São João.

Figura 2: Parque Natural Municipal Gruta da Onça e Forte São João visto do Penedo.



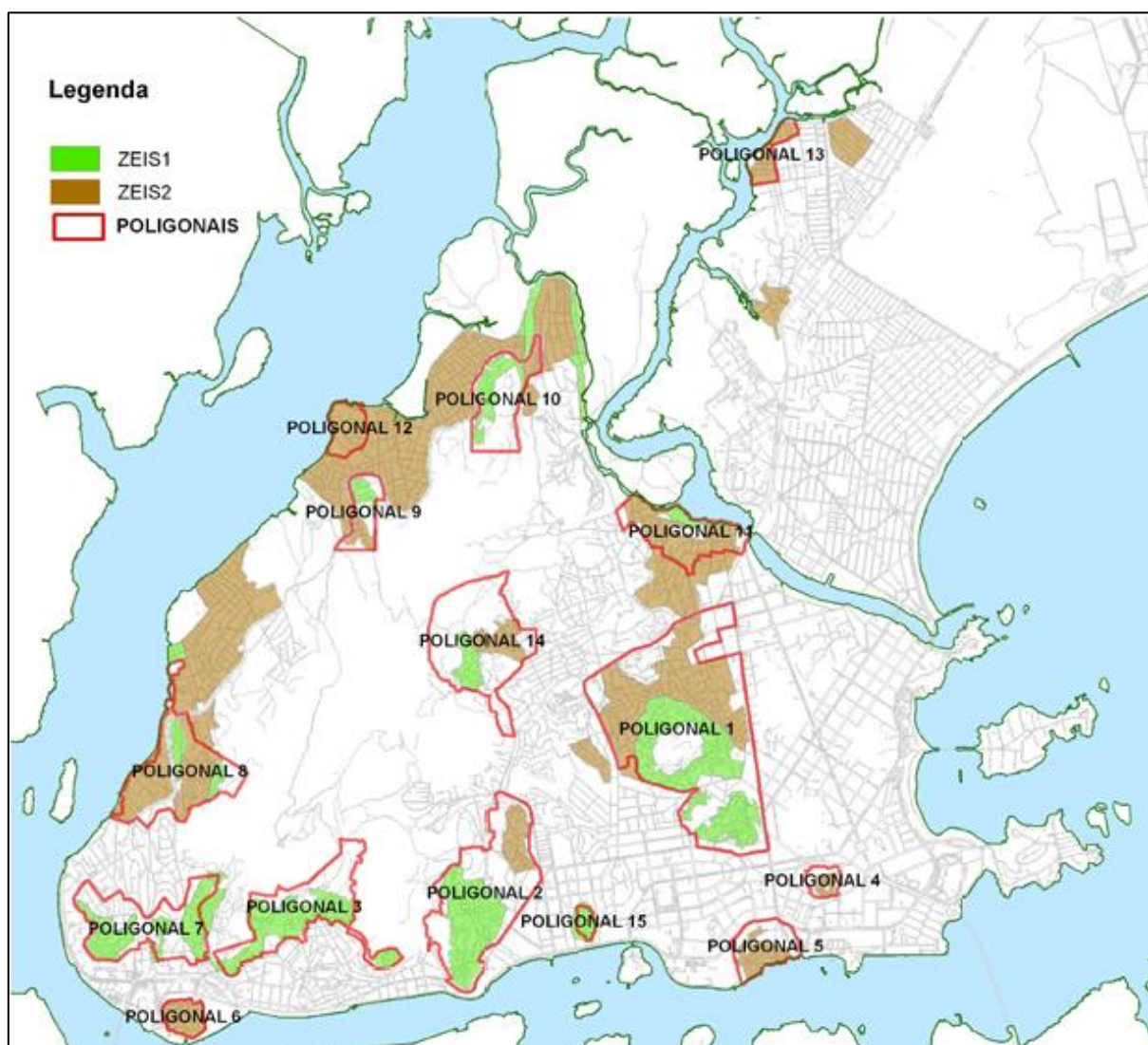
Fonte: PMV (2015)

O Bairro Forte São João localiza-se na região do Maciço Central logo acima do antigo Forte São João que o denomina. Segundo o Censo de 2010 há 1553 habitantes. A área é de 0,41 km² (0.44 % de Vitória), inicia-se em frente à passarela na Avenida Vitória indo até a área do Parque Natural Municipal Gruta da Onça. É permeado por escadarias que dão acesso da rua ao bairro. Apresenta o Índice de Qualidade Urbana de 0,44 sendo o 55 no ranking enquanto o Centro da Cidade, o bairro a qual está incrustado, tem IQU de 0,73 sendo o 14^o no ranking (VITÓRIA,20??). O Índice de Qualidade Urbana é relativo aos bairros de Vitória

considerando os dados do Censo relativos a 1991 e 2000, objetivando-se identificar a existência ou não de avanços, estagnações ou retrocessos ocorridos no período, com foco nas dimensões educacional, ambiental, habitacional e de renda. Não foi considerada a presença dos serviços e equipamentos públicos existentes nos bairros, na constituição dos índices (VITÓRIA,20??).

Juntamente com Romão e Cruzamento, faz parte da Poligonal 2 no Projeto Terra Mais Igual, projeto o qual as áreas ocupadas irregularmente pela população de baixa renda em todo o município foram mapeadas em 15 Poligonais, abrangendo 33 bairros, e são caracterizadas pela ineficácia ou ausência dos serviços e equipamentos públicos de infra-estrutura urbana visando agregar soluções urbanas e demandas sociais (VITÓRIA, 2012b).

Figura 3: Mapa das poligonais e ZEIS (Zonas Especiais de Interesse Social). Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Vitória



A Rua Barão de Monjardim é uma das mais tradicionais do centro da cidade e conseqüentemente na Grande Vitória. Localiza-se logo no início do Centro, após a Curva do Saldanha, ficando entre parte do Maciço Central e a rua Henrique Novaes, aparentando uma forma de delta. Ela é constituída principalmente de casas antigas e alguns poucos prédios baixos sendo alguns deles históricos. Há duas igrejas, uma católica e uma protestante, dois restaurantes, o tradicional bar Gruta da Onça, sede Administrativa da Defensoria Pública do Estado do Espírito Santo e o Sindicato dos Trabalhadores em Telecomunicações. Não há números oficiais a respeito dos números de habitantes embora alguns moradores afirmam que seja por volta de 1800 a 2300. A maioria dos moradores mais antigos moram na parte mais à direita da rua. Há uma grande quantidade de jovens estudantes e profissionais; principalmente na região da escadaria Cristovão Colombo (observações do autor).

3.3.1 Breve histórico da região

3.3.1.1 O platô do Maciço Central

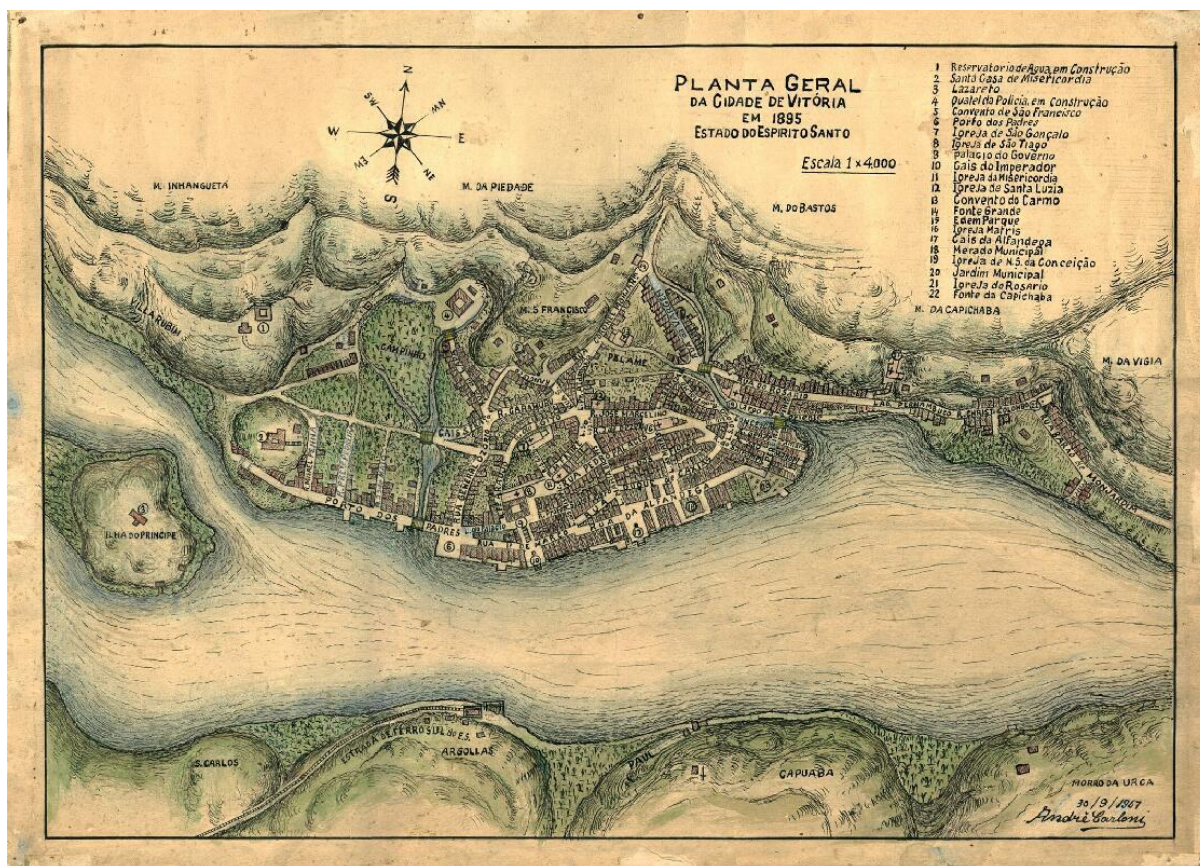
A história da região é extremamente rica e o local é terreno de achados arqueológicos. Segundo os historiadores que já trabalharam na região, a área do Parque e suas redondezas tem potencial para gerar muito material de estudo, sendo essa região considerada uma das mais interessantes e ao mesmo tempo difíceis para estudos históricos em Vitória devido a importância histórica da região e falta de documentos. Pelo espaço e foco no tema será apresentado somente um breve histórico a fim de contextualizar.

A fundação da cidade de Vitória foi estabelecida sobre um platô circundado por uma encosta de aproximadamente 300 metros de altura (o Maciço Central) e pelo mar e áreas alagadiças, sendo mais seguro estrategicamente que a primeira área habitada pelos conquistadores, Vila Velha. Inicialmente o casario era baixo, contínuo de acordo com a configuração do terreno. A ocupação era horizontal, com o Maciço Central ao fundo e tendo como edificações mais altas as igrejas. Vitória expandiu a partir dessa região. O Espírito Santo chegou a ser considerado uma das capitanias mais prósperas do Brasil devido à cana-de-açúcar. Porém com a descoberta de ouro e pedras preciosas no interior o desenvolvimento da região foi estagnado e se tornou necessário a construção de fortes para proteger contra possíveis invasores além da proibição de abertura de estradas para o interior. Após o declínio da mineração, a capitania do Espírito Santo deixou de ser uma “barreira

verde” podendo intensificar suas atividades comerciais. Conseqüentemente houve aumento da população. A partir de 1812 iniciaram-se pequenos aterros, o que foi um processo gradual ao longo dos anos (VITÓRIA, 2010).

Em 1892, o governador da Província Muniz Freire, foi responsável por mudanças na paisagem em Vitória devido à aterros de grandes proporções e projetos que auxiliaram na grande expansão que ocorreu até a década de 1950. Um dos principais objetivos do seu governo era o “povoamento do solo”. Assim, o engenheiro sanitarista Saturnino de Brito, fez o projeto da construção de um novo arrabalde com área cinco vezes maior que Vitória possuía, projeto que só foi implementado no governo de Florentino Avidos (1914-1918). Ele também pensou na questão sanitária, pois muitas áreas eram consideradas insalubres, se tornando foco constante de epidemias (VITÓRIA, 2010).

Figura 4: Planta Geral de Vitória de 1895, por André Carloni.



Fonte: Arquivo Público de Vitória

No governo de Jerônimo Monteiro (1908-1912) fez-se o Plano de Melhoramento de Vitória visando modernizar a cidade o que ia de encontro com o

ideal republicano, em voga na época. Com as mudanças, a Cidade Alta tinha o predomínio de construções religiosas e a parte baixa ficou sendo na maioria área de comércio. Florentino Avidos realizou em seu governo várias obras como as do Porto, aterro no Forte São João e abertura da Av. Capixaba (atual Av. Jerônimo Monteiro). Vitória passou a ser definitivamente o centro da cultura, economia e administração do Espírito Santo (VITÓRIA, 2010).

Serafim Derenzi sobre esse período disse:

“Vitória tornou-se cidade habitável, quanto às condições sanitárias, e em pé de igualdade com as melhores capitais brasileiras. Água pura e abundante, serviço regular de limpeza pública, hospital moderno, isolamento discreto para doentes contagiantes, polícia domiciliária, laboratório de análise, ruas feericamente iluminadas, deram fama à cidade que anos após anos, ganharia o apelido de Cidade- Presépio” (DERENZI, 1965, p. 195)

No final da década de 1940 iniciou-se o processo de verticalização do Centro que se estabeleceu nas décadas seguintes. Esse fenômeno alterou a silhueta da cidade, não era mais possível visualizar o Maciço Central a partir dos pontos originais de Vitória e os galpões do Porto impediram o contato que os moradores tinham com o mar. A partir de 1970 o Centro sofreu um esvaziamento uma vez que os habitantes estavam se deslocando para a região norte, passando assim por um processo de abandono. Na década de 1990 foi iniciada uma mobilização em prol da revitalização que foi demonstrada na demarcação e sinalização do Centro Histórico de Vitória, compreendendo do Forte São João até a Vila Rubim (VITÓRIA,2010).

O Morro do Vigia , localizado nos limites da área do Parque, foi denominado entre os séculos XVI e XVII pois era um ponto de observação para a proteção da entrada da Baía de Vitória, podendo-se avista-la toda, sendo local estratégico para o Forte São João, permitindo-se proteger de possíveis ataques de corsários e invasores (FARIA; COSTA, 2014; LOPES,2015).

3.3.1.2 Orquidário Municipal

Na vigência do Governo Municipal de Dr. Américo Poli Monjardim (1937/1944) foi criado o Parque Orquidário Barbosa Rodrigues em janeiro de 1943, na área que hoje pertencente ao Parque. O administrador foi o botânico norueguês Finn Knudsen (VITÓRIA,2015; VITÓRIA,2012). Atualmente, o orquidário não mais existe.

No ano de 1944 o Município de Vitória comprou partes das terras dos herdeiros do Barão de Monjardim que é a área do Parque e teve como finalidade promover a melhoria do local e ampliar o orquidário municipal (ESPÍRITO SANTO, 2005). Esse orquidário era um dos poucos que se tem notícia em que as plantas foram distribuídas entre rochas e arvores das matas (figura 5).

Figura 5: Fonte Barbosa Rodrigues, atual poço dos Escravos, onde se observa ao centro e a esquerda plantas fixadas sobre as rochas ao fundo.



Fonte: Knudsen, 1943

3.3.1.3 Chafariz da Capixaba

Após a independência do Brasil, o imperador D. Pedro I nomeou Ignácio Accioli de Vasconcellos como Presidente da Província do Espírito Santo pretendendo assim iniciar a resolução de um grande problema de Vitória: o

abastecimento de água. No início do século XIX a urbanização da Cidade de Vitória era em grande parte precária. Em contrapartida a cidade continha fontes ditas públicas com água de excelente qualidade (VITÓRIA, 2012).

Com a necessidade de abastecimento de água para a população foi construído o Chafariz da Capixaba, iniciando em 12 de fevereiro de 1828 e finalizado em 02 de março daquele ano (VITÓRIA, 2012). O local era parte da área pertencente à chácara da família do Barão de Monjardim. As obras compreenderam a construção do pórtico protetor da nascente da água da Fonte Grande e de um aqueduto incluindo também os terminais de canalização, bem como um reservatório, onde se dava a captação de água propriamente dita. Sabe-se que ao lado da fonte havia um local para lavagem de roupas. Em 1878 anexo à fonte foi construída uma casa de ‘banhos frios’ (ESPÍRITO SANTO, 2009; VITÓRIA, 2012).

“A água da Capixaba procedia do Morro do Vigia (ou da Vigia, como querem alguns), sendo apreciadíssima por todos, tanto pela frescura quanto pela pureza, visto que nascida de fonte protegida por mata espessa, das mais primitivas da ilha” (ELTON, 1987, pág. 97).

No ano de 1896 o governador Muniz Freire iniciou a canalização das águas que desciam pela Capixaba com a construção de caixas coletoras e canaletas. Dessa forma, para conservar a perenidade das águas ele desapropriou os terrenos do entorno, que deram origem ao atual Parque (VITÓRIA, 2015).

Figura 6 – Chafariz da Capixaba no início do século XX.



Foto: Valpassos. E. Reprodução de parte do filme sobre Vitória

O Chafariz era de grande importância para o abastecimento de água dos moradores da capital, tornando-se assim um importante patrimônio que suas límpidas águas eram usadas até para o batismo de recém-nascidos (NEVES, 1982).

Em 1910, com a implantação do sistema de abastecimento de água pela rede domiciliar com tubos de ferro, esses chafarizes foram demolidos exceto o da Capixaba, que está desativado (ESPÍRITO SANTO, 2009). É tombado pelo Governo do Estado do Espírito Santo através da Resolução nº 08/89 do Conselho Estadual de Cultura – CEC, de 11 de novembro de 1989 (VITÓRIA, 2012)

Durante a atividade de limpeza do Parque e a retirada da vegetação exótica em 2014 foi redescoberto uma nascente protegida por um pórtico construído em alvenaria de pedras, tijolos maciços e argamassa tendo em sua frente uma marcação cronológica escrita em círculo com a data de “13 de novembro de 1877” (FARIA, COSTA, 2014).

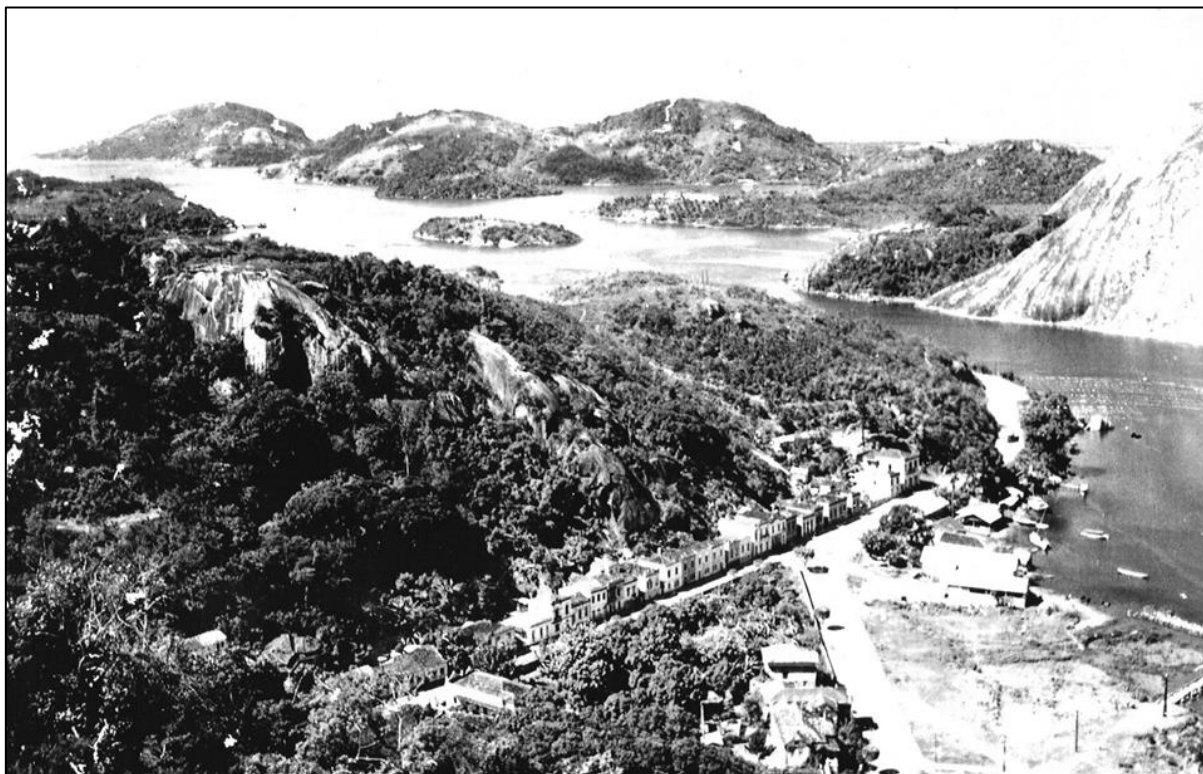
O nome do Parque se deve a uma lenda sobre o índio que se assustou com uma onça quando foi beber água em um lago formado sob a gruta da Onça. No entanto em pesquisas recentes foi descoberto um documento recolhido junto ao Arquivo Ultramarino da Universidade de Coimbra (POR) que revela uma outra versão, a do Padre André Martins ocorrida em maio de 1623 contando que um destacamento nômade de indígenas estavam a noite acampados em uma pequena praia na baía de Vitória, quando alguns índios foram desafiados a adentrarem nos domínios de caça das onças, a fim de beberem da água do rio e ao sair, bradarem em coro sua coragem. Por fim a onça desafiou a todos e o índio “campeão” jazia morto (MARTINS, 1623). A estátua da onça construída no governo de Solon Borges, em tamanho maior que o natural, foi inaugurada em 1966 (FARIA, COSTA, 2014).

3.3.4 – RUA BARÃO DE MONJARDIM

Era ocupada por uma floresta densa com muitas árvores frutíferas e fazia parte da chácara da família Monjardim. A sua abertura foi em 1894 e a rua se estendia da antiga chácara da família Monjardim onde atualmente se encontra o prédio da Casa Porto de Artes em direção à Chácara do Bispo (atualmente onde hoje está localizado o Colégio Estadual) e passou a ser a via mais usada pelos pedestres que quisessem chegar a Bento Ferreira e a Praia do Canto. Não tinha

calçamento, dispunha de pouquíssimas casas restando apenas três delas, que datam do final do século XIX (VITÓRIA, 2015; VITÓRIA, 2012).

Figura 7: Rua Barão de Monjardim



Fonte:PMV(2015)

A Barão de Monjardim foi uma respeitável localidade política. Ali era sede do Partido Liberal até o final do século XIX, e constantemente contava com a presença de políticos ilustres da época, além do próprio Barão de Monjardim, entre outros responsáveis por decisões importantes para o Espírito Santo (VITÓRIA, 2012).

No início do século XXI a rua teve seus primeiros pontos de diversão.

A partir da década de 1950, essa rua teve as primeiras transformações com o crescimento do comércio e o tráfego de ônibus vindos do norte de Vitória. Atualmente, apresenta poucas construções antigas, alguns prédios comerciais, residências, bares e restaurantes (VITÓRIA, 2012).

3.3.1.5 Forte São João

O Forte São João foi construído em 1592, durante o governo de D. Luiza Grinalda, de forma improvisada, após a invasão de Vitória pelo corsário inglês Thomas Cavendish (LIMA, 2002). Em 1726, o vice-rei Conde de Sabugosa atribuiu ao engenheiro Nicolau de Abreu a construção de fortificações julgadas necessárias na Baía do Espírito Santo. Ele melhorou a antiga construção (OLIVEIRA, 2008) sendo que em 1924, a estrutura desse forte passou a ser da cervejaria Brahma que a reformou e ampliou seus ambientes. Ali funcionou o Cassino Trianon até 1930. Em 1931, o prédio se tornou o Clube de Regatas Saldanha da Gama e teve reformas que modificaram sua forma inicial, passando a ser um lugar de lazer. Em 1961, a área à sua frente foi aterrada, originando a Avenida Marechal Mascarenhas de Moraes, também conhecida como Avenida Beira-Mar (FRAGA, DIIR, MORAIS, 2013).

Figura 8: Vista da Vila da Vitória O Penedo está à esquerda e na sua frente à direita o Forte São João



Fonte: PMV (2015)

A ocupação do morro do Forte São João começou na década de 30 de forma pacífica tendo como primeiros moradores migrantes do interior do Espírito Santo, a maior parte composta de trabalhadores rurais vindos devido à crise cafeeira em buscas de melhores qualidade de vida. Mais tarde entre as décadas de 60 a 80 a

expansão industrial que ocorria na capital e os projetos de infra-estrutura promovidos pelo poder público atraíram uma grande leva de trabalhadores. Não havia no Forte São João as mínimas condições de habitabilidade (TECNOSOLO, 2005). Segundo registros históricos a fundação do Centro Comunitário do Morro do Forte São João foi em 1973 (DIAGONAL URBANA, 1999).

Figura 9: Forte São João em 1940. Nesse Aerofotograma é possível ver as ruas Henrique de Novaes e Barão de Monjardim, a avenida Vitória (curva do Saldanha, antes Casario Trianon) e o Penedo.



Fonte: Arquivo Geral de Vitória

4 RESULTADOS DA PESQUISA

4.1 – Relatos e Observações Iniciais

O primeiro contato realizado no Forte São João foi no início de julho durante a reunião de líderes do bairro, apresentando-se como estudante da Universidade

Federal do Espírito Santo do curso de Engenharia Florestal. Logo no início da reunião foi exposto o trabalho, sendo bem recebido. Nota-se, porém que houve uma indagação muito pertinente nesse encontro e que auxiliou a nortear o presente estudo: “Qual será o benefício desta pesquisa à comunidade? ”. Ao longo do tempo notou-se que eles tentam de diversas formas dialogar com as várias esferas do governo sendo muitas vezes em vão. E que alguns cidadãos prometem projetos e os moradores não observam retorno. No início a resposta a essa pergunta foi ainda longe da realidade deles sendo ajustada ao longo do tempo com a ajuda desses atores que se envolveram no decorrer da pesquisa. Então traçaram-se algumas sugestões como: verificar o que pensam os moradores, contribuir com informações que poderão ajudar na problemática do lixo tão presente nesse bairro e articular um maior contato com o Parque para possíveis projetos.

Adentrar ao Forte São João pode ser um misto de sentimentos: insegurança ao saber como se portar, diversos tipos de preocupação como o de ocorrer má interpretação e lidar com o fato de que se é estranho ao meio, gerando assim a curiosidade. Não é muito comum alguém de fora estabelecer um contato maior. Nota-se logo um cansaço dos líderes e também dos moradores: ‘é mais um’, porque estão cansados. Há um medo velado, na maioria o imposto pelos outros. Alguns moradores também transferem essa sensação de que pode correr riscos, ou temiam o envolvimento com algumas pessoas e suas influências. Entretanto, outros especialmente os mais jovens que exercem algum tipo de liderança comunitária aparentam pensar diferente e afirmavam que ‘morro’ é igual a todos os lugares, com os mesmos riscos. Há vários mundos ali, que eles sabem codificar. Vai se tornando cada vez mais tranquilo caminhar no bairro. Antigos moradores têm orgulho de mostrar as nascentes ainda existentes no bairro. Subindo o Forte no sentido da divisa com o Parque chega-se num dos cumes com três grandes pedras que chamam de Três Marias. São pedras que parecem ter sido lapidadas e juntas tendo uma vista belíssima de Vitória que em um giro de 360 se consegue ver o Centro, Vila Velha, Jardim Camburi e o mar rodeando, afinal, Vitória ainda é uma ilha.

Na Barão, o contato também foi lentamente. Com o passar do tempo foi se conhecendo alguns moradores que iam apresentando outros. Há na Barão de Monjardim muita vida artística, sarau, eventos musicais, e a partir dessas pessoas as portas são abertas. Há também os guardadores de carros, que cresceram no Forte e são personagens da rua, conhecem todos e de tudo, junto com alguns outros

poucos moradores também do Forte que descem e ficam ali conversando com eles. E antigos moradores, tanto do Forte como da Barão que passam na rua para ver os amigos e familiares. Percebe-se fácil que ali moram muitos artistas e pessoas inclinadas à áreas culturais. Também há uma expressiva quantidade de moradores LGBT que parece ter encontrado refúgio. É comum à noite encontrar as pessoas conversando na rua. Há alguns prédios abandonados, uns por conflitos de herdeiros, outros por estarem velhos. A rua também tem seus problemas sociais. Algumas pessoas andam por ali sem rumo, ou por causa das drogas, principalmente o crack ou por terem se cansado das vidas monótonas que levavam, como afirmam, ficam por ali e pelo entorno. Já se tornaram conhecidos, às vezes aparece um diferente. Parecem gerar diversas sensações nos moradores: pena, tristeza e desprezo. Os guardadores de carro, e mais três ou quatro são os únicos moradores do Forte São João que estão ali frequentemente, embora poucos metros e a escadaria Ilma de Deus os separam.

Percebe-se que o Parque é um ambiente familiar aos que ali frequentam. Subindo um pouco já se está dentro da floresta que parece ganhar outra atmosfera, algo lúdico quando se toma conhecimento de estar pisando no chamado 'Caminhos da Capixaba', antigo caminhos de pedras que não se sabe ainda quem e porquê fizeram. Então é uma sensação estranha dali conseguir ver entre as árvores o elevador panorâmico do Sebrae subindo e lembrar que se está dentro da cidade. O caminho até o morro do Vigia é belíssimo. No meio das trilhas há coisas que não se esperam, pessoas usando drogas, alguns cheiros estranhos. Os problemas sociais são já também familiares ao meio, os funcionários se mostram preocupados, alguns casos são tido como tranquilos, às vezes tentam ajudar e outras não sabem o que fazer.

4.2 – Favela x Comunidade

Atualmente é comum o uso do termo comunidade. Cada vez menos se escuta nas grandes mídias ou nos diálogos dos cidadãos a palavra favela. É provável que desde o programa Favela-Bairro instituído por César Maia na cidade do Rio de Janeiro, os programas governamentais do país focados em projetos nessas regiões de baixa-renda prefiram não usar o termo já tão estigmatizado, optando por muitas vezes colocar terminologias idílicas e a princípio longe da realidade dos que serão

beneficiários, estes aos poucos vão atribuindo essas nomenclaturas a si mesmo. No entanto, alguns moradores dessas localidades atribuem sentidos diferentes às nomenclaturas, para estes o uso cada vez mais operante da palavra comunidade soa como ‘tampar o sol com a peneira’ ou uma ‘gourmetização’, tentando abafar seus problemas sociais e associando diretamente à favela uma conotação negativa. Nota-se com isso as diferentes percepções, tema abordado nesse trabalho, sobre essa localidade. Favela para uns, comunidade para outros.

Freire, 2008 afirma que descoberta da favela pelo poder público surgiu preferencialmente devido ao incômodo que esses aglomerados urbanos acarretam à urbanidade e não por uma vontade cívica de universalizar o acesso à direitos básicos de cidadania. A autora conta que quando realizou um trabalho de campo em Acari, Rio de Janeiro, numa das reuniões de moradores que participou a agente comunitária queria força-los a entender “favela é um lugar onde ninguém respeita o espaço de ninguém, com um monte de barracos juntos, ‘puxadinhos’ onde o morador não entende nada de espaço” (grifo de FREIRE).

A concepção moral dos termos “favela” e “favelado” está associada ao estigma produzido historicamente em relação a estes espaços urbanos e seus habitantes. O termo “favela” vem, cada vez mais, adquirindo um tom depreciativo, sendo sempre conectados à pobreza, à violência e à criminalidade. O termo “comunidade” aparece visando diminuir o estigma para os diferentes atores em geral, uma alternativa simbólica. É necessário compreender como são abordadas pelos seus atores, não são categorias estáticas e sim estritamente atreladas às relações sociais (FREIRE, 2008).

Vitória, conhecida como Ilha do Mel, muitas vezes simbolizada pelo Marlim Azul usado em camisas e bottons, terra também do caranguejo, que alguns temem a associação com o ‘andar para trás’ do animal que para na famosa moqueca, servida em suas regionais panelas de barro, teria favela? Praticamente não se escuta o termo favela na cidade de Vitória. É mister que no futuro, os cidadãos façam uma análise minuciosa sobre essa questão. Fica a reflexão: de cortiço virou favela. O que será que se pode esperar das agora denominadas comunidades?

Nos morros cariocas percebe-se que alguns moradores, entre estes lideranças comunitárias e representantes em diversas áreas culturais de seus bairros estigmatizados, defendem a denominação favela, afirmando que esse nome também representa a cultura deles, seus estilos de vida, e suas histórias.

Logicamente não se pode fazer uma comparação cartesiana à respeito das duas cidades. E nenhuma discussão superficial responderá essas questões, são necessárias que sejam feitas pelos próprios envolvidos, é deles a escolha de como serão nomeados.

Provavelmente não há lugar mais para o nome favela nesses bairros de Vitória, e também, e não se pode afirmar que essa seja a melhor nomenclatura. Porém são necessárias futuras análises do porquê de ocorrer tantas divisões em termos, os quais, os próprios moradores e a própria cidade se referem às essas regiões: bairro, favela e comunidade. Há todo um jogo, já realizado de forma orgânica e muitas vezes não se tornando perceptível, com essas terminologias. Um mesmo morador pode usar a palavra comunidade, favela e bairro de acordo com a situação; de uma forma que já se tornou fluida. No entanto somente poucos moradores, sendo estes os mais idosos, que vieram jovens de outros lugares como Minas Gerais, que falam espontaneamente a palavra favela como referência de lugar. Predominantemente é: 'daqui a pouco chego lá na comunidade', 'vai ter evento lá na comunidade', 'o bairro está precisando de estrutura'. E a classe dominante utiliza majoritariamente o termo comunidade, muitas vezes passando a impressão de ser um elogio ao local ou falam como um sussurro rápido, passando para a outra palavra rapidamente. Um morador da região definiu em sua percepção as diferenças que o termo favela pode ter para a sociedade: 'para os mais ricos favela é coisa ruim, para os medianos e alternativos favela é cultura. Para morador depende muito'. O termo bairro é bem utilizado também, mais de uns anos para cá, claramente a realização de projetos sociais em que se escuta muito Bairro Forte São João, Bairro Cruzamento, auxiliou nessa utilização. Claramente eles são um bairro, mas não é comum em outros locais se escutar 'no bairro estamos com uns projetos'.

Pode-se argumentar que por ser Vitória uma cidade por muito tempo esquecida no Sudeste não se usaria os mesmos termos que as outras, pelo menos os moradores segregados, não. Mas eles assistem às mesmas novelas, escutam muitas vezes as mesmas músicas e possuem referências que se cruzam.

Pensando no conceito de *habitus* muito difundido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, pode-se ter a percepção que nessa cidade as estruturas sociais já estão arraigadas aos pensamentos e modo de agir dos capixabas de forma que tudo fica corriqueiro, normal. Essas estruturas se reproduzem inclusive fisicamente. Entrando no Forte São João pela Av. Vitória, na rua onde são as reuniões dos

líderes e onde são as reuniões da Escola de Samba Imperatriz do Forte e há calçada nas ruas, as casas são bem-acabadas, há igrejas, lava-jato, autoescola, é considerada por muitos de fora ou de dentro uma área segura. À medida que vai subindo até a região chamada Três Marias as percepções são outras como se fosse paulatinamente havendo uma mudança de atmosfera. Acabam reproduzindo as estruturas dos bairros planejados. Há linhas invisíveis, e claras que dividem esse local, por exemplo, não há nenhuma divisão física expressiva marcando, nenhuma diferença notável, mostrando onde termina Forte São João e começa o Romão, mas todos sabem.

Tuan (1980) define bem essas diferenças, nuances e suas consequências em duas passagens do livro *Topofilia*:

“Talvez seja universal a idéia de ‘centro’ e ‘periferia’ na organização espacial. Em todos os lugares, as pessoas tendem a estruturar o espaço - geográfico e cosmológico - com elas no centro e a partir daí, zonas concêntricas (mais ou menos bem definidas) com valores decrescentes (TUAN, 1980, p.30)”

“Ao contrário do indivíduo, um grupo pode ser auto-suficiente; pelo menos as ilusões de auto-suficiência são mais fáceis de sustentar. Os indivíduos são membros de grupos e todos aprenderam -- embora em graus variados - a diferenciar entre ‘nós’ e ‘eles’, entre as pessoas reais e as pessoas menos reais, entre o lugar familiar e o território estranho. ‘Nós’ estamos no centro. Os seres humanos perdem atributos humanos na proporção em que se distanciam do centro (TUAN, 1980, p.35)”

Se o nome favela causa tanto desconforto em alguns, que também perpetuaram as mudanças das denominações, seria interessante que fosse feita uma reflexão do cerne deste incômodo, e a sociedade pense nas possibilidades de uma ação coordenada e conjunta com os locais para alterar as realidades que são realmente necessárias. Maquiar para si mesmo e para os outros certos aspectos indesejáveis, não proporcionará nenhum feito, e a mudança da nomenclatura, afinal, começou de cima para baixo.

Não é de se estranhar que em conversas informais com os moradores eles sejam indiferentes à indagação sobre o uso dos termos. É comum ouvir dos moradores ‘sou nascido e criado no Forte’. Mesmo com todas as críticas que eles mesmos dão, suas tristezas e cansaço há, ainda que de forma velada, a sensação de *pertencimento*. Vários locais são comunidades, um departamento de uma universidade, um bairro nobre, uma associação de pescadores, todos esses locais presentes em Vitória e tão diferentes entre si, como a favela que não deixa de ser

uma comunidade, pode-se começar a questionar porque se usaria um termo mais abrangente, em vez de qualquer outro que manifestasse suas singularidades. Uma candidata à vereadora, que cresceu no Forte São João argumentou: ‘ favela não é legal, muito ruim... comunidade é bom, é união, trabalho em conjunto’. Talvez aí esteja a resposta: o anseio tão humano da comunidade. Bauman em seu livro “Comunidade: a busca por segurança no mundo atual” discorre:

“As palavras tem significados: algumas delas, porém, guardam sensações. A palavra ‘comunidade’ é uma dessas. Ela sugere uma coisa boa: o que quer que comunidade signifique, é bom ‘ter uma comunidade’, ‘estar numa comunidade’. [...]Se alguém se sente miserável, sofre muito e se vê persistentemente privado de uma vida digna, logo acusamos a sociedade – o modo como está organizada e como funciona. As companhias ou a sociedade podem ser más; mas não a comunidade. Comunidade, sentimos, é sempre uma coisa boa.”(BAUMAN, 2003, p.7)

No entanto, na narrativa de Bauman nota-se o sabor agridoce dessa palavra: “ela sempre foi”, sempre esteve no futuro, é um atual paraíso perdido.

Para ilustrar como há divergências de percepções entre diferentes setores da sociedade que não se entrelaçam, observa-se a mudança de logo no Projeto Terra (Figura 12) que se tornou Projeto Terra Mais Igual (Figura 13) e a supressão na imagem ao longo do tempo das habitações:

Figura 10: Logo do antigo Projeto Terra.



Fonte: Vitória (2012, p. 3)

Figura 11: Logo do projeto revitalizado; Projeto Terra mais igual.



Fonte: Vitória (2012, p. 3)

4.3 Plano de Manejo

Atualmente só há um Parque em Vitória com Plano de Manejo, o Parque da Fonte Grande, e está desatualizado. Todos da gerência anseiam em tê-lo, mas esbarram em problemas como falta de verba e planejamento. Pela legislação deve ser feito até cinco anos após a criação de um Parque. Na lei municipal de Vitória referente à Gruta da Onça, nº 6482 de 05 de dezembro de 2005, que altera os Arts. 1º e 4º da Lei nº 3.564/88 o transformando num Parque Natural, está previsto o Plano de Manejo:

Art. 1º – Fica criado o Parque Natural Municipal da Gruta da Onça com 68.914,10m², em área pública, com cobertura vegetal remanescente da Mata Atlântica, localizada no Morro da Capixaba ou da vigia, situado no Maciço Central do Município de Vitória.

Art. 2º O Art. 4º da Lei nº 3.564, de 22 de novembro de 1988, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 4º São proibidas, no Parque, quaisquer alterações, atividades ou modalidades de utilização em desacordo com os objetivos, o seu Plano de Manejo e seus regulamentos."

[...]

A Secretaria Municipal de Meio Ambiente - SEMMAM deverá, no prazo de até 360 dias, a partir da data de publicação desta Lei, elaborar o Plano de Manejo do Parque e submetê-lo a apreciação e aprovação do Conselho Municipal do Meio Ambiente - COMDEMA.

§ 1º O Município poderá efetivar convênios com pessoas físicas, jurídicas e organizações não governamentais e legalmente constituídas, com objetivo de desenvolver atividades estabelecidas no Plano de Manejo.

§ 2º O Plano de Manejo deve abranger a área do Parque, sua zona de amortecimento e os corredores ecológicos, incluindo medidas com o fim de promover a sua integração à vida econômica e social das comunidades vizinhas, sem comprometimento dos objetivos da criação do parque.

Ainda não existe zoneamento ambiental, o que atrasa em muitos aspectos. Torna-se mais difícil, talvez, para a população visualizar a importância de determinadas áreas. Ou, mesmo que isso não seja verdade, é necessário o estudo elaborado da área e caracterizar o zoneamento, facilitando futuros planejamentos.

É frequente muitas Unidades de Conservação não terem no Brasil um Plano de Manejo ou estar muito desatualizado. Pelo fato das UCs não contarem com Plano de Manejo ou sua revisão ser deficiente, a visitação pública e o ecoturismo não são controlados de forma adequada, possibilitando a degradação dos recursos naturais e não tendo a implantação de infraestrutura necessária para visitação (MAZZEI et al., 2007).

Em relação ao Conselho Consultivo, as primeiras tentativas que foram feitas de reunir a todos, de certo modo não foram alcançadas. A legislação da SEMMAM faz referências ao Conselho Consultivo:

Art. 5º O Parque disporá de um Conselho Consultivo, presidido pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente - SEMMAM, e constituído por representantes de órgãos públicos e de organizações da sociedade civil, em conformidade com o Decreto Federal nº 4.340, de 22 de agosto de 2002, que regulamenta o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC).

A Escola Gomes Cardim é uma escola pública de ensino médio que também oferece cursos técnicos, ficando atrás da Casa Porto em um local elevado, de certa isolado, rodeada por fragmentos florestais, e com uma visão privilegiada da Gruta da Onça. Entre os seus principais problemas está a evasão escolar, a alta rotatividade de professores, chegando a ter no decorrer desse corrente ano, por exemplo, a substituição de quatro professores de biologia numa mesma turma. A diretoria da escola, que é do conselho, afirmou 'nós e a Gruta estamos de costas um para o outro'. Depois discutiu que as causa disso não era culpa específica de um lado, eles da escola com seus próprios problemas acabavam não tomando iniciativa e, segundo eles, o Parque também tem seu universo. Essa escola aparenta estar aberta à projetos, a recepção para o diálogo foi de boa vontade. Interessante notar que ao apresentarem a localidade mostraram com orgulho e pensando em soluções,

as áreas florestais do seu entorno (que encontra as do Parque mais à frente), tem um dossel fechado, mas, sofre consequências antrópicas, dentre as quais o lixo, chegando a ter um sofá velho no meio da mata.

O Parque vê com urgência a necessidade de reativar o Conselho, solicitando através de convite do próprio secretário de meio ambiente, enviado correspondências aos diferentes setores da sociedade para reativação do conselho.

4.4 Terceirização

Os vigilantes e os jardineiros do Parque são terceirizados. Por isso podem ser trocados de área ou despedidos sem prévia autorização e até mesmo sem comunicação com a gerência do Parque. Assim funcionários que já estão familiarizados com o dia-a-dia do Parque podem ser trocados a qualquer momento prejudicando a continuidade de um projeto e tendo que ser despendido tempo para treinamento do novo funcionário.

Já houve casos de um funcionário ser trocado de posto, sendo sua ausência sentida e ocorrendo a indagação do porquê da mudança. Muitos funcionários dos setores da Prefeitura são dedicados à seus trabalhos, pensam em projetos, se preocupam com as situações de sua cidade. Alguns se sentem frustrados em determinadas situações, às vezes seus projetos enfrentam barreiras, a morosidade de determinadas situações ou a hipótese de serem trocados de lugar.

4.5. Populações no entorno

A criação de Parques altera a vida dos moradores do entorno, em aspectos positivos e negativos. No Espírito Santo, nas políticas públicas municipais e estaduais ambientais, é cada vez mais habitual a opção conservacionista em detrimento da perspectiva socioambientalista. Godoy (2000) em seu artigo 'O Modelo da Natureza e a Natureza do Modelo' afirma:

“É a apresentação da natureza como totalidade real e objetiva que se afirma na própria criação das unidades de conservação, constituindo-as como parte fundamental de uma estratégia de conservação, sobretudo porque elas testemunham a fragmentação do território político, dos ecossistemas, como um erro a ser corrigido (GODOY, 2000,p.136)”

“Não se trata mais de afirmar que o Parque Nacional de Yellowstone é um modelo ou que as áreas existentes em outros países tenham sido criadas com base nele, mas sim de acoplar o

modelo ao ato de formar uma natureza que constitui, por sua vez, coletivos e indivíduos humanos e não-humanos, uma cultura, uma tradição; um âmbito que, ao tornar válido o modelo, permite sua conservação e de toda a rede de interações ao qual está articulado e com o qual é configurado. Ou seja, não vem ao caso considerar que o modelo esteja errado ou que o fracasso ou o sucesso das áreas implantadas possa ser determinado por ele, mas de rearticula-lo à sua própria história de criação, desnaturalizando os conceitos que o formam, eliminando qualquer possibilidade de explicar o modelo ou as áreas criadas a partir de uma natureza dada *a priori*.(GODOY,2000, p.130)”

Nessa perspectiva o importante seriam análises posteriores dos envolvidos de qual será a própria história de criação e verificar a relação com o entorno.

Os Parques pela sua geografia e certamente por mais fatores são vizinhos e/ou estritamente relacionados à populações de baixa-renda. A Floresta da Tijuca se entrelaça com a história da Rocinha, uma das favelas mais conhecidas mundialmente. Há aspectos positivos, em alguns projetos, por exemplo, funcionários fazem com dedicação atividades voltadas às crianças e é bom ter uma das maiores florestas urbana do mundo por perto, local do grande reflorestamento feito por D. Pedro II para proteger as nascentes muito prejudicadas pelas fazendas de café. Ao mesmo tempo em que traficantes de São Gonçalo usam roupas camufladas na floresta da região do Salgueiro com objetivo de se esconder na mata e realizar emboscadas para a polícia. Nos últimos três anos em Brasília, observa-se o crescimento de habitações ao lado do Parque Nacional de Brasília, local denominado Chácara Santa Luzia.

Os Parques e Jardins Botânicos, principalmente os urbanos, tão próximos dos cidadãos, são também inspiração para vários aspectos culturais. As músicas de Tom Jobim fazem outro sentido sob sua árvore favorita no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, por muitas vezes ele expressou seu amor (ou no caso, topofilia) por aquele local. Essas áreas incrustadas no meio do ambiente urbano promovem várias funções: microclima, corredor ecológico, preservação de espécies florestais, sítios históricos. Há uma que se sobrepõe, essas áreas se tornam muitas vezes o primeiro, e às vezes único, contato de muitas pessoas com as áreas verdes. Não é uma imersão total, obviamente. Mas as impressões sentidas nesses locais, que destoam do cinza dos prédios, dos fluxos dos carros, da correria para o trabalho, podem mudar percursos. Ao tocar uma folha ainda úmida pela chuva, ao olhar os saguis tão próximos, pode ser despertadas curiosidades e admiração. Ou aquela mata fechada pode despertar outros sentimentos como o medo. O ser humano ao longo de sua história tem alterado o meio que vive, não é mais uma mata densa como outrora, os

locais são cada vez mais planejados e retilíneos. O porquê dessa mudança é analisado por muitos sociólogos, historiadores, filósofos, arquitetos, matemáticos. Há vários tipos de relações: com a religião, com a forma que o homem vê seu mundo, com domínio, com o medo das forças da natureza. Quais mudanças de pensamento da população em geral são necessárias? Como fazer isso de uma forma harmônica, sem sobrepor a percepção de alguns sobre a percepção de outros, uma vez que, às vezes, a forma como uma alternativa é lançada ocorre de forma abrupta causando ojeriza?

O Parque Natural Municipal Gruta da Onça está incrustado no meio da cidade, localiza-se no início do Centro, ainda muito próximo de outras áreas, como Bento Ferreira, Jucutuquara e outros bairros. Está entre os menores Parques de Vitória. Poderia passar despercebido. À seu favor estão suas matas e principalmente suas histórias, provavelmente é um dos parques com maior peso histórico de Vitória, os contos dos moradores; o recentemente denominado 'Caminhos da Capixaba', o sítio do Paulo Soca, o monumento da Onça (que fica com tonalidade rosa por causa do pé de jambo); as suas águas que os moradores contam histórias, e há referidas lendas: "Quem bebe da sua água [da Capixaba] não mais se afasta do Espírito Santo. Vira capixaba de coração!"

Há muitos projetos pulsando no entorno, alguns ainda em planejamento. Na Barão, alguns jovens falam com vivacidade do Projeto Verde Ataque, para fomentar hortas urbanas na região do Centro; do Cine Gruta, um projeto de Cine Clube que passa filmes esporadicamente perto da Praça do Chafariz e a planejada feirinha na rua.

Concomitantemente no Forte São João alguns jovens, um deles da liderança comunitária, formam um grupo se articulando para projetar espaços verdes no bairro e decidiram começar pontualmente, fazendo experiências até alcançar o Forte todo. Uma das finalidades desse projeto é acabar com os pontos viciantes de lixo, fazendo arborização e transformando o lugar. Uma das moradoras da parte baixa do Forte já tem essa experiência, dois vasos sanitários de cerâmica sem uso que colou em frente à sua casa se transformou em acúmulo de lixo, ela então para solucionar o problema plantou babosa, cebolinha e um arbusto que tornam verde o muro. No período da pesquisa esses jovens do Forte pegaram uma pequena área na escadaria das Três Marias, na área mais alta e provavelmente mais temida, a demarcaram com pedras, colocaram terra e conseguiram 150 mudas para fazerem

um plantio. Isso sem nenhum tipo de assessoria técnica, procurando informações em sites, conversando com pessoas que fizeram em outros locais e na tentativa e erro. Em pouco tempo o local já estava diferente.

Um dos garis que trabalha na Barão de Monjardim e sempre vai beber água no bebedouro da Gruta e ter seu momento de descanso, conta que plantou algumas mudas de manga perto do Morro do Vigia mas que não deu muito certo por causa da insolação, agora tem mudas de outras frutíferas para plantar. Questionado o porquê da iniciativa, ele conta que é morador do Romão, bairro ao lado do Forte São João onde ele cresceu, e quer ver mais sombreamento no local, para ele está tudo muito quente. A preocupação com as frutíferas também é de uma moradora da Barão pois para ela atrai os saguis. Há também no Forte iniciativa para feirinhas, assim como na Barão. Iniciativas tão parecidas e tão distantes.

Os moradores do Forte reconhecem que diferentemente dos outros bairros de baixa renda do entorno como Cruzamento e Romão, eles têm muito espaços vazios em que anseiam realizar mudanças, como uma horta, arborização, local para bocha ou um balanço para as crianças numa árvore. Esbarram-se muito nas problemáticas jurídicas do terreno, alguns eles não sabem se estão sob tutela dos herdeiros ou se é da prefeitura e se terão que pedir autorização. Há muitos terrenos vazios e casas abandonadas, muitas delas com risco de desmoronar, algumas com placas da Defesa Civil. Os líderes e muitos moradores desejam a demolição, mas que as respostas são incertas. Essas situações em sua grande parte ocorrem porque com o aluguel social do Projeto Terra muitas pessoas estão morando em outras áreas, sendo responsabilidade delas cuidar dessas áreas, todavia segundo os moradores elas estão morando em bairros distantes e se torna inviável ir ao local. Há casas já sem telhados ou sem outras estruturas e o temor de alguns moradores é ou desabar ou se tornar ponto de lixo. Um ex-morador que junto com sua irmã está morando em Campo Grande pelo aluguel social vai praticamente todos os dias para o Parque, Barão e Forte. Ele argumenta que naquele lugar ele tem familiaridade, é 'nascido e criado' e que não consegue ficar preso num apartamento olhando para as paredes, que é melhor ir então ver os conhecidos e para ele o local é 'o pulmão do Centro da Cidade'.

Entretanto não se pode generalizar. Também a comparação com outros casos e outros bairros em diversas cidades que tiveram projetos de realocação é bem delicada e esse não é objetivo central deste estudo. Mas nas andanças e na

época, eram sempre correntes as conversas sobre o Projeto Terra. Muitos moradores, já estão cansados de várias situações em seus bairros, o cansaço é bem aparente. Então para muitos há certo desprendimento ao sair. Já outros gostariam muito de continuar ao mesmo tempo em que dizem que aceitam, se é o que tem que ser feito. Mostram-se receptivos ao diálogo. O Projeto Terra não é só deslocar as pessoas para outros bairros fora. Setembro de 2016 foi a data limite para algumas famílias apresentarem seus documentos e receberem o valor de R\$ 39.000,00 para comprarem uma casa em outra região, esse dinheiro foi financiado pelo BID. Vários moradores argumentam que com essa quantia não conseguem uma moradia perto, tendo que se deslocar para muito longe, os documentos também foi um problema, alguns não tinham todos das suas atuais residências. A reclamação principal é da falta de continuidade do projeto, os intervalos de tempo muito grande entre um diálogo e outro. São três áreas: área de risco (AR), área interesse ambiental (AIA) que são as áreas no entorno do Parque, e a área social que são casas ao longo do bairro. Há casas construídas pelo projeto Terra ao longo de todo o Forte. Alguns moradores reclamam que não puderam opinar sobre as suas casas e que às vezes os terrenos não foram bem aproveitados, casas pequenas, às vezes em dois andares finos em uma área grande.

A falta de continuidade dos projetos é reclamada também na Barão de Monjardim. Só nos projetos de Educação Ambiental, por exemplo: 2007 teve o projeto Parque Escola, depois teve o Abraço Verde principalmente com os moradores do entorno, e o CEA (Centro de Educação Ambiental) funcionava no Parque. Atualmente não existe mais nenhuma atividade específica nessa área, o que é muito sentido. Com as mudanças do Governo, da Prefeitura em que segundo uma funcionária de outro setor, cada gestão em quatro e quatro anos, quer inovar e apresentar um novo projeto, e na ausência de uma gestão de informação, muitos projetos são perdidos ou esquecidos e depois lá na frente são refeitos sem saber ciência dos que já ocorreram. Como também proporcionar uma real apropriação dos projetos por parte dos moradores do Forte, da Barão, e dos arredores para também tomarem pelas rédeas e depois, quem sabe, poderem os guiar? E seria interessante e uma das possíveis alternativas às descontinuidades?

É necessário também maior diálogo entre as secretarias do governo. Há uma setorização grande e na prática isso, às vezes, não tem funcionado. Durante o estudo ouviu-se falar pelos atores principalmente essas: Secretaria Municipal de

Meio Ambiente, Secretaria Municipal de Obras, Secretaria de Habitação e a Secretaria de Educação. Maioria das ocasiões um trabalho precisa de atuação de várias delas e com a falta de interação projetos, ficam estagnados.

A Rua Barão de Monjardim faz praticamente parte do Parque, a escadaria Cristovão Colombo com seu peculiar aqueduto já muito maltratado, feito de telhas feitas nas coxas dos escravos (que originou uma expressão muito popular no país), termina onde está escrito no portão 'Bem-Vindo'. Muitos moradores têm animais domésticos, e liberam seus gatos e cachorros sem nem perceber que podem fazer estragos. Crianças jogam bola com toda a força na praça do Chafariz atingindo a fachada. Poucos moradores da rua são vistos com presença regular no parque com exceção alguns jovens que moram bem na divisa, aparentam passar momentos agradáveis ali, conversam, interagem com os funcionários do Parque e umas duas vezes levaram um jogo de botão que jogaram sentados no banco localizado na frente do bebedouro. Dois jovens estudantes que passavam sentaram e se juntaram. Talvez esses jogos, essas interações podem ser um caminho de aproximação. A gerência tem pensado em alternativas para atrair mais pessoas. Um diálogo com o entorno apresenta como um dos empecilhos a sobrecarga de trabalho para poucos funcionários, é recorrente acontecerem atividades inesperadas e sendo muitas vezes difícil poder lidar com as limitações do serviço público.

Há muitos pontos de intercessão entre o Forte São João, Barão de Monjardim e a Gruta. A que pareceu mais palpável durante o período desse estudo são as narrativas sobre as nascentes. É comum ouvir os moradores do entorno e os funcionários falando sobre como a abundância de água foi importante na vida deles, funcionários do Parque contam que há praticamente dois anos atrás conseguiam deitar-se dentro do córrego onde agora é normal ver somente o percurso de onde a água passava. Pelo que se notou essa é a principal *solastalgia* apresentada no entorno. No Forte muitos contam que pegavam a água nos baldes no Poço dos Escravos, que para alguns senhores mesmo depois da água da CESAN, a água da Onça' continuava sagrada. Na Barão moradores falam sobre o volume das águas quando chovia e do barulhinho que proporcionava. Os funcionários do Parque se preocupam com as três nascentes na área e pensam em projetos e quando chove há comemorações por parte deles. Alguns não conheciam as nascentes do Forte São João, uma boa surpresa.

4.6 A Floresta

O fragmento florestal do Parque Natural Municipal Gruta da Onça é caracterizado como Mata Atlântica de Encosta. Nas áreas de borda, de intercessão com a área da praça e da administração, nota-se que o espaçamento entre as árvores é bem significativo. Não há presença de lianas, estas muito indesejadas, pois podem prejudicar o combate a incêndios. Os incêndios são bem temidos tanto na Gruta da Onça quanto no Parque da Fonte Grande, ao lado e também na APA do Maciço Central. Durante o período do estudo houve um incêndio na área alta da Gruta da Onça. O novo aspecto da mata que resistiu, mudou a paisagem. Fatores antrópicos é a maior causa de incêndios. O maior fator é o desconhecimento. À medida que adentra-se a área do Parque o dossel do fragmento vai ficando mais denso percebe-se algumas mudas brotando. No entanto mesmo sem uma barreira física, fragmento florestal termina claramente nos limites da área do Parque, antes do topo do morro. Depois é um pasto, área que está passando por desapropriação. Com o falecimento do proprietário e dívidas devido aos impostos, os descendentes estão abertos à negociações. Apesar de Vitória ser uma área urbana não havendo, portanto, necessidade de Cadastro Ambiental Rural, é muito perigoso até para a população das encostas não entender a importância das Áreas de Preservação Permanente, em topos de morros sem fragmentos florestais, o que facilita desmoronamentos, entre outros fatores de risco. O grande problema disso é que muitos topos de morros da cidade de Vitória estão sem reflorestamento o que pode trazer sérias consequências como mais deslizamentos.

Depois do deslizamento no Morro do Macaco em 1985 foi criada as Áreas Verdes Especiais a fim de proteger os topos de morros contra deslizamentos. Assemelham-se bastante às Áreas de Proteção Ambiental. São descritas no Decreto nº 10.024 de 05 de junho de 1997: “são áreas representativas de ecossistemas criados por meio de florestamento ou reflorestamento implantadas em terras do domínio público ou privadas pelo Poder Público Municipal”. São para promover o controle de erosão e contenção de encostas; garantir a segurança da população local e do entorno; possibilitar o desenvolvimento de programas de educação ambiental; estimular o turismo e o lazer; proporcionar a prática conservacionista e fornecer refúgio para a fauna. As Áreas Verdes Especiais (AVE's) como a do Morro de Jucutuquara, Suá, Cruzamento, Bento Ferreira e Romão, são áreas de topos e encostas de morros

delimitadas e legalmente protegidas, a fim de evitar o processo de ocupação desordenada que ocorriam nessas áreas, e a principal ação efetiva foi de implantação de projetos de reflorestamento a fim de inicialmente atenuar os processos erosivos. Esses reflorestamentos foram executados na década de 80, e primaram pelo plantio de algumas poucas espécies exóticas de rápido crescimento que contribuíram com o objetivo inicial, entretanto hoje apresentam diversos problemas ligados à baixa diversidade e a falta de manejo dessas áreas, sendo portanto pouco funcionais do ponto de vista ecológico e paisagístico, e recebendo pressões diversas das populações do entorno dessas áreas podendo-se constatar a deposição de lixo e a ocorrência de incêndios em quase todas as AVE's (VITÓRIA, 2008).

Os plantios foram principalmente em topos de morros que tinham riscos. O engenheiro florestal responsável pela recuperação das áreas foi Renato de Jesus. Ele tinha um planejamento para sucessão ecológica. Na primeira etapa foram plantadas Leucenas, *Acacia mangium*, *Acacia auriculiformis* e Sansão do Campo. O projeto não teve continuação e as Leucenas se alastram por várias áreas, o que se tornou indesejado.

Próximo à essa divisa é o sítio do Paulo Soca, Sítio Arqueológico, com resquícios do que provavelmente foi uma casa que conta-se ter pertencido à um descendente de escravo chamado Paulo, que fazia infusões. A interferência dos negros pode-se notar em vários momentos, um dos casos é a presença de Madressilva que tem uma importância espiritual nas religiões africanas.

É nítida a diferença no microclima ao estar no Parque. Luta-se contra a presença de espécies vegetais exóticas. Uma grande quantidade de cipó-jiboia foi retirada, consideradas muito invasivas. Há espécies típicas da Mata Atlântica como Aderne (*Astronium graveolens*) que é a espécie de maior concentração encontrada na área do Parque além de Pau d'alho (*Gallesia integrifolia*), Pau Ferro (*Libidibia ferrea*), Sapucaia (*Lecythis pisonis*), entre outros.

Estão ocorrendo várias atividades de projetos de reflorestamento e recuperação de nascentes em Vitória. Durante o período de estudo, houve iniciativas do Parque da Fonte Grande de reflorestamento de nascentes tendo palestras e atividades de campo e no Parque Natural Vale do Mulembá também houve chamada pela população para participar de atividades de plantio de mudas e restauração das nascentes. Na Gruta da Onça ocorreram frequentemente várias iniciativas dessas.

Foram três vezes, oficialmente, com comparecimento dos funcionários do Parque e de outros Parques de Vitória, da SEMMAM, até mesmo do secretário. Poucos moradores apareceram. Houve, também, vários plantios de mudas feitos pelos funcionários do Parque. O reflorestamento está sendo feita na área particular com permissão do proprietário. O plantio é realizado através do projeto Plantando Água, da ONG de Trilhas e Camping. O responsável e que planeja, consegue as mudas. Formando em Direito e morador de Cariacica, cidade próxima. Interessou-se em ajudar a partir de uma trilha organizada na região e tomou a iniciativa de ser voluntário ao reparar as dificuldades no reflorestamento; acredita que não podem querer só usufruir do espaço sem colaborar. Há dois anos ele juntamente com a ONG articula ações, período no qual aprenderam muito sobre plantios, mudas, coveamento, praticamente do zero.

Vitória apresenta hoje uma crise hídrica alarmante ao mesmo tempo em que descobre várias nascentes, tais projetos principalmente no atual momento mostram ter grande importância.

Há muita falta de verba, principalmente com as crises financeiras na Prefeitura e no País. Uma das alternativas que se apresenta são as compensações ambientais, forma como houve financiamento para o Projeto Caminhos da Capixaba. No entanto essa alternativa parece ter um lado bem delicado, que são os conflitos que ocorrem na interação entre empresas com as áreas urbanas.

A área entre o Parque Natural Municipal Gruta da Onça e o Parque da Fonte Grande tem o planejamento de ser criada uma outra Unidade de Conservação, o Refúgio de Vida Silvestre Municipal de Fradinhos. É necessário um cuidado com a situação fundiária, pois ali iria ser construídas casas ao mesmo tempo em que a área é limítrofe à um bairro de classe média alta, Fradinhos, o que gerou muitos impasses devido às diferentes percepções entre os moradores dessas localidades.

A procura por escolas para visitaçãõ é grande. Turistas ocasionalmente aparecem, principalmente nos finais de semana.

Há um grupo de jovens que fizeram curso conduzido pelo Parque a fim de guiar os turistas. Ainda se busca a melhor forma de fazer essa condução.

Entretanto, durante o período um grupo de vinte pessoas realizou o trajeto com um guia desconhecido sem informar nada ao Parque. Fora os dois eventos no facebook que grupos de trilhas marcaram criados no facebook, em que grupos de trilhas marcaram eventos de caminhadas, em um percurso perigoso, sem também

nenhum contato com a administração do Parque. Entretanto, tais eventos foram desmarcados a tempo.

Essas situações demonstram o grande potencial turístico do Parque, como também da Barão de Monjardim e do Forte São João.

4.7 – PONTUAÇÕES SOBRE OS DIÁLOGOS COM OS MORADORES DO ENTORNO

4.7.1 PARTE 1 – ÁREAS VERDES E PARQUE NATURAL MUNICIPAL GRUTA DA ONÇA

4.7.1.1. Infância e áreas verdes

Há um misto de emoções quando os atores relembram suas infâncias, ainda mais quando relacionadas às áreas verdes. As áreas verdes em si, remetem boas sensações, no entanto, para alguns, podem vir somadas a outras lembranças.

No ambiente observado, tanto os moradores mais idosos do Forte São João, quanto grande parcela dos moradores da Barão, tiveram sua infância no interior do Espírito Santo ou de Minas Gerais, em sítios e roças. Àqueles, vieram durante as crises no setor agropecuário à procura de emprego na capital, enquanto estes ou vieram pelo mesmo motivo ou para estudar em melhores escolas e faculdades. Mesmo as suas cidades de origem sendo menor e com a aparência de ser habitual o contato com áreas verdes, apresenta-se narrativas diferentes do esperado, em relação as mudanças de percepções provocadas pela ida do interior para a cidade grande: ‘Tive bastante contato. Talvez não como aqui, mas de outro jeito, mais roça, não tanta mata’; afirma um morador da Barão de Monjardim, de 32 anos. Esses fragmentos florestais incrustados no Centro da Cidade podem proporcionar novas percepções aos que chegam de outras cidades. O interior é visto como um local em que todos têm contato com áreas verdes; porém com o crescimento de pastos, de monoculturas, de incêndios, é interessante notar a surpresa que esses fragmentos proporcionam. Esse morador relatou também seu assombro, ao ser chamado pela primeira vez para trilhas na Cidade de Vitória: ‘trilhas aqui? na cidade?’. Hoje é atuante em um grupo de movimentos culturais da Barão de Monjardim, o UfoDub, que aparentam ter uma grande Topofilia pela área. Conta que o grupo foi um dos

fatores de divulgação e atração de turistas ao Parque, uma vez que com os movimentos culturais muitos passam por ali, além de ser frequente a marcação de ‘Gruta da Onça’ nas redes sociais.

Já uma das suas vizinhas, idosa e que mora no outro lado da rua, a surpresa das crianças diante do desconhecido foi notória, presenciou um exemplo no piquenique na área do Parque com seus bisnetos: “Aquele dia que a gente fez o piquenique, tinha uns macaquinhos lá, nossa, foi a festa da meninada.”, 78 anos

Há outro lado, no entanto, na outra área estudada, não pensada a hipótese na formulação do questionário: quando se fala a palavra infância, ainda mais associada à verde no Forte São João. Em algumas situações, com alguns atores, essa palavra remete a tantas lembranças e sentimentos, que todas as outras da frase são esquecidas. Não é difícil ouvir:

“Minha infância não foi muito legal porque chegamos numa situação de desemprego que meu pai ficou seis meses sem conseguir trabalho. Tinha que fazer faxina” moradora Forte, 54 anos.

Quando associadas às áreas verdes pode-se ter narrativas com sentimentos tão complexos como o de um morador, que vive há oito anos no Forte: “Em áreas verdes para ser sincero, eu não tive muita infância porque a minha infância foi toda trabalhando, geralmente em áreas verdes. Era bom, com certeza, tudo que a gente olhava, via verde, via frutos” conta ele, de 43 anos. Mesmo com esse acontecimento, em toda sua conversa o morador apresentou opiniões firmes, desejou de bom grado fornecer a entrevista, anseia melhorias para seu bairro e que as crianças, inclusive seus filhos possam ter maior acesso à áreas ao ar livre, afirmando que se pudesse, tivesse tempo e local, em todos seus momentos livres preferiria passar em locais arborizados.

As reflexões dos atores sobre como as crianças se relacionam com ambientes abertos e / ou verdes são similares: afirmam que é cada vez mais inexistente esse contato das crianças; agora substituídos pelo tempo em computadores, televisão, celular. A falta de segurança é visivelmente uma das causas, como se observa na fala de uma moradora sobre o cuidado com seus netos:

“Acho pouco acho, a gente poderia desfrutar mais disso se não houvesse todas essas coisa [violência e drogas]. Acho isso [o contato] muito bom para crianças, para

desenvolvimento. O que eu falo para as crianças hoje é para brincar dentro de casa aí vão para o computador né.” moradora há 20 anos da rua Barão de Monjardim.

Percebe-se com essa narrativa como a violência nas grandes cidades tem tornado mais difícil outros lazeres para as crianças. As pressões do dia-a-dia, tão comuns na sociedade atual, o ritmo frenético de trabalho, várias prioridades, corroboram com as afirmações de que muitas vezes os pais não possuem muito tempo de passear com os filhos, cabendo a outras entidades essa ação. Uma moradora da Barão assistente em escolas na prefeitura comenta:

“Hoje o tempo da gente está muito corrido, se é para levar uma criança para ter contato, às vezes nem os pais vão. Trabalhando em escola, não são os pais que vão com as crianças, nós né, funcionários da escola.” 50 anos.

A importância do trabalho com as crianças se consolida na afirmação de outra moradora da Barão, professora infantil que trabalhou por muito tempo na CMEI Robson Nassur, creche no Bairro Forte São João:

“Por exemplo, se uma criança vê uma galinha ao vivo, depois vai ser mais fácil fazer uma referência com imagens da galinha. Agora se ela não vê uma ao vivo ela vai fazer uma referência com uma galinha que não existe. Mais difícil para ela fazer essa referência” 53 anos

Tal afirmativa gera uma reflexão sobre quais elementos estão sendo passados às crianças a fim de lhes proporcionarem as percepções que possuem ou não no mundo atual. O que é transferido para as crianças, qual a concepção delas sobre o que absorvem e como isso acarreta a forma como elas transferem, refletem e enxergam o ambiente em que vivem são caminhos necessários de análise. Essa professora conta que realizou um projeto com a CMEI, levando as crianças ao Parque e que mesmo sendo tão próximos às casas delas, o passeio ecológico, proporcionava outro olhar às crianças, muitas pela primeira vez tocavam demoradamente uma folha, percebiam alguns animais, sentiam as gotículas de chuva.

No bairro Forte São João, assim como na Barão, é muito recorrente as falas sobre a tecnologia e suas possíveis consequências nas crianças: elas não brincam mais nas ruas, não jogam tanto futebol, destroem as plantas nas pracinhas, preferem ficar em casa; aparentando ser tão diferentes das crianças que foram os adultos que hoje relatam. Há no Forte outra reflexão, relacionada a outros problemas sociais, não só a falta de tempo dos pais, relatado nessa região também. A separação dos pais, mães sobrecarregas, o uso de bebidas alcoólicas ou de drogas mesmo que seja por parte dos vizinhos, geram algumas situações que as afastam de contatos com áreas verdes. A influência da família é sentida pelos atores entrevistados, um morador comparou com sua própria infância e o conhecimento que ganhou na época sobre arbustos, árvores e principalmente as plantas medicinais da redondeza, como o poejo que usava para combater gripe. Na sua narrativa afirmou: “Hoje em dia os pais pouco valorizam. Antigamente, nós éramos crianças e ficávamos doentes, nós éramos curados com mato” 58 anos.

Interessante notar que as opiniões mais elaboradas, que se via fazendo uma reflexão antes de responder, foram feitas pelos mais velhos. Os jovens de até seus 25 anos, de ambas as áreas, deram respostas de forma automática, sem se alongar muito nesse assunto, ‘acho que elas tem [contato] , vejo muitas ali nesse parquinho na entrada do Parque’ foi ouvido na Barão. O Parquinho referido é uma pequena área, com um balanço e uma gangorra e o chão coberto por areia. ‘Ah devem ter, meus sobrinhos foram no Parque Pedra da Cebola’ um jovem conta no Forte; tal localidade é um Parque Urbano, cheio de pistas para ciclismo, patins, muito diferente dos Parques Naturais. Não se pode fazer uma profunda reflexão sobre esse caso. No entanto, talvez por terem acabado de sair das suas infâncias, revelam o que os pequenos acreditam: para eles áreas verdes podem ter se tornado sinônimo também de áreas cimentadas.

Nas lojas de brinquedos de Vitória nos dias atuais. A maioria dos brinquedos estão dentro de caixas. As crianças escolhem através de uma fina película de acrílico. Nessas lojas, não se proporcionam uma experiência sinestésica com os brinquedos no momento da escolha. Não raro, as crianças de ambos os sexos optam, através das caixas, por aparelhos eletrônicos com Realidade Aumentada, ou joystick e videogames modernos. E elas os manejam com tanta naturalidade que é interessante observar as crianças na loja. Será difícil para outra geração entender esse fenômeno. Mas é necessária a tentativa de se olhar por outro ângulo. É nítido

que na mente deles está ocorrendo naquele momento uma intensa movimentação, proporcionada pelo fluxo daqueles games: há cores, há histórias, personagens amigáveis e as interações se tornam dinâmicas, mesmo numa sala fechada. Se essas sensações podem ocorrer na mente das atuais crianças porque não se consegue fazê-las transmitir a sensibilidade de seus sentidos para os outros órgãos? Sentiriam novas sensações pelo tato ao tocar uma folha, ou pelo olfato ao sentir o aroma de uma flor? Provavelmente o conhecimento de quais percepções estão sendo proporcionadas às crianças deve ser explorado. Afinal, são elas que colherão as consequências das escolhas atuais. Ao se observar uma criança deitada confortavelmente num puff dentro de um Shopping Center nota-se que aquele aparelho cinza por fora é um refúgio, ela está totalmente imersa em outro mundo, enquanto os adultos passam, riem e conversam. Talvez seja necessário ouvi-las. Como proporcionar novos mundos a elas? E quais?

Richard Louv, autor e ativista, cunhou o termo 'Nature Deficit Disorder' (Transtorno de Déficit de Natureza). Obviamente há na sociedade, dita moderna, em todas as faixas etárias, em todas as classes sociais, um Déficit de Natureza, com variadas intensidades. Todavia é necessário refletir se para as crianças, os principais atores discutidos pelo autor, é um transtorno. Sofrem como toda a sociedade, as consequências das opções sociais: obesidade e confinamento em casas por exemplo. Tornam-se realmente a geração do 'banco de trás', observando o mundo através das janelas dos carros dos pais, da mesma forma que seus brinquedos lhes são apresentados na tenra idade, através de um acrílico. Não se deve exigir um pensamento diferente por parte delas, talvez estejam inconscientemente, sussurrando outros anseios pelas telas dinâmicas e 'quebrando a quarta parede'. Para uma criança acostumada a seus controles remotos, o transtorno poderá ser causado por uma pousada num fim de semana. Como equilibrar essa equação, como tornar mais fluida e harmônica a convivência das novas gerações com os ambientes que vão sendo projetados, são questões que provavelmente poderão ser refletidas junto aos Parques Naturais dentro de cidades grandes.

4.7.1.2 Lazer

No diálogo com os atores, o local mais associado à lazer e ao ar livre é a praia, muitas vezes sendo o único ambiente lembrado. Tuan (1980) afirma que o movimento para o mar pode ser devido à uma nova avaliação da natureza. Além disso, argumenta:

Não é difícil entender a atração que exercem as orlas marinhas sobre os seres humanos. Para começar, sua forma tem dupla atração: por um lado, as reentrâncias das praias e dos vales sugerem segurança; por outro lado, o horizonte aberto para o mar sugere aventura. Além disso, o corpo humano, que normalmente desfruta apenas do ar e da terra, entra em contato com a água e a areia[...]. A praia também é banhada pelo brilho direto e refletido da luz do sol, porém a areia cede à pressão, penetrando entre os dedos do pé e a água recebe e ampara o corpo (TUAN,1980,p.131).

Essas várias sensações abordadas por Tuan como: fuga da rotina ao tocar a água e a areia, absorver o reflexo do sol, e o descanso em que ao mesmo tempo há segurança pela delimitação geográfica do local mesmo sendo aberto, apresenta terreno fértil em uma cidade como Vitória, litorânea, mar presente no dia a dia dos moradores, onde praia é sinônimo de turismo e de lazer.

Outra atividade lembrada é andar de bicicleta, incentivada atualmente com as bicicletas populares, muito aceitas pelos moradores. Provavelmente o vento tocando o corpo enquanto se pedala nas ciclovias proporcionam um bem-estar, além da fuga do trânsito, já tão corriqueiro na cidade. Excluindo esses dois exemplos, os atores do Forte e da Barão relatam ter pouco contato com áreas livres. Sobre suas horas de folga afirmam que: descansam, colocam em dia seus afazeres, assistem televisão, complementam a renda, jogam bola. Os entrevistados apresentam muitas dificuldades em passear na sua própria cidade: medo da violência, falhas no transporte público e no caso dos moradores mais idosos ou cadeirantes a acessibilidade de locais públicos é um tema recorrente.

Tuan (1980) reflete sobre os prazeres que o contato com as áreas ao ar livre podem proporcionar e como deve ser feita essa interação:

“O adulto deve aprender a ser complacente e descuidado como uma criança, se quiser desfrutar polimorficamente da natureza. Ele necessita vestir uma roupa velha que lhe permita esticar-se no feno ao lado do riacho e embeber-se em uma mistura de sensações físicas: o cheiro de feno e de estrume de cavalo; o calor do chão, seus contornos duros e suaves; o calor do sol temperado pela brisa; a cócega produzida por uma formiga subindo pela barriga da perna; o movimento das sombras das folhas brincando em seu rosto; o ruído da água sobre os seixos e matacões, o canto das cigarras e do tráfego distante (TUAN,1980, p. 111)”.

Sensações essas que aparentam ser universais quando proporcionadas. O autor sino-americano narra como se estivesse também em terras capixabas. Mesmo com tão pouco contato com áreas livres os atores recorrem às suas memórias e/ou anseios e desejam passar mais tempo em áreas verdes assim como desejam que suas crianças cresçam em contato com elas.

4.7.1.3 Percepções sobre o Parque

Um Parque, como qualquer ambiente, ou pinturas, ou comidas, histórias, despertam percepções e sensações diferentes a cada um. Cada qual interpretará muito pela cultura em que foi criado. Assim, cada indivíduo, inserido em suas visões de mundo, tão arraigadas, que acreditam muitas vezes ser universais, sente a necessidade, devido ao convívio com outrem, tão necessário numa aldeia global, sentir, captar e projetar as percepções alheias ao seu universo. Portanto torna-se comum, concepções que parecem ser tão óbvias se revelarem equivocadas.

No universo estudado no presente trabalho, tal fato foi consoante. A área do Parque gera sensações topofóbicas. Predominantemente nos moradores do Forte São João. O medo relacionado à área é praticamente um sentimento unanime na região. Não é difícil ouvir narrativas semelhantes a estas:

“Ah o meu sonho é ir lá. Eu tenho medo. Sei lá, de alguém me pegar lá, me matar. Se tivesse alguém [para acompanhar] eu teria coragem de passear. Juntar uma turma. Todos que a gente chama não tem vontade. Fala que lá é perigoso. Eu tenho tanta vontade de ir lá na Gruta da Onça para ir tirar foto. Passa sempre na televisão mostrando” moradora do Forte, 44 anos

“Eu acho que ali que estão os drogados. Ali que está o foco deles. Acho que eles gostam muito de roubar as pessoas. Não acho ali uma boa natureza. Acho bonito. Já ouvi falar que é bom; mas para mim...Não vou. O que eu posso dizer da Gruta da Onça? Uma montanha com cachoeira de água, eu achava bonito aquelas nascentes para pegar água que o pessoal pegava muita água ali.” Moradora do Forte, na área da escadaria Alice Maciel, na Curva do Saldanha, bem próxima à região do Parque

Interessante notar que essa moradora, aborda um termo tão complexo para alguns como ‘natureza’ de forma orgânica e em outra conotação, diferente da mais

utilizada, no diálogo dela, que mal completou o ensino médio; a natureza pode ter diversos sentidos: ‘não acho ali uma boa natureza’. De qual natureza eles temem? A natureza humana? A natureza social? A natureza que a maioria associa, verde, com mata densa, e animais à espreita? Ou o entrelaçar de todas essas naturezas? Ou um espectro dela? Talvez só com as pessoas se propondo ao entendimento sobre o que é percepção, e a tentativa de desnudamento das próprias para compreender as outras, se fundamentará algum caminho.

Esse discurso também é recorrente nos atores mais jovens. Uma jovem moradora, formanda em Educação Física disse:

“É bom, mas eu não tenho muito contato. Eu tinha mais contato quando eu era menor. Agora não muito mais. Mudou porque antes era uma área livre. agora lá é mais perigoso e não é muita gente que frequente lá mais. É perigoso porque fica pessoas lá usando. Não vou lá mais.”

E um morador tem a mesma narrativa:

“muito difícil passar por lá porque tem muito ponto de prostituição, ponto de droga. Não vale a pena. Eu só passo lá se for preciso que é mais rápido do centro da cidade para subir do que subir as escadarias”.

O Parque serve de trilha para alguns moradores. Observando melhor o Forte , percebe-se que é uma parcela muito pequena que a usa como trilha.

Tal narrativa aparece às vezes na Barão. Uma moradora estrangeira, já há 4 anos morando na localidade diz :

“Olha eu nunca subi na Gruta da Onça, eu sei que junta um grupo grande e sobe, não sei aonde vai parar, mas eles sobem. Mas eu não teria coragem de subir sozinha nem com meu filho. Eu acho bonito mas só isso” E acha bom morar próximo ao Parque porque o verde lhe acalma.

E outra moradora relata suas angustias com os problemas sociais:

“É muito bom, é o lugar que teoricamente seria o lugar ideal para se viver, como para escrever, inclusive foi por isso que eu escolhi o Parque porque não passa carro na rua e é como se eu tivesse no interior aonde eu fui criada mas isso é só teoricamente porque a invasão humana é sinistramente incomoda. Grito, droga, pessoal usuário de crack enfim, é terrível.” Moradora da Barão, 41 anos

Uma favela, comunidade, bairro, qualquer que seja a nomenclatura adotada está habituada a conviver com estigmas e certas formas de violência em maior ou menor grau. Na sua grande maioria o tráfico de drogas se faz presente, um poder paralelo e muitas vezes escondido por debaixo do tapete (nesse caso o ‘morro’) pela

sociedade, em que muitos de seus constituintes, moradores às vezes de áreas nobres, sobem na calada da noite com seus objetivos próprios e descem como se nunca tivessem subido. Os moradores desses locais estariam, obviamente, acostumados com essas situações e seriam destemidos quanto a isso. No entanto, BAUMAN (2006), faz uma reflexão em Medo Líquido:

“Uma pessoa que tenha interiorizado uma visão de mundo que inclua a insegurança e a vulnerabilidade recorrerá rotineiramente, mesmo na ausência de ameaça genuína, às reações adequadas a um encontro imediato com o perigo; o “medo derivado” adquire a capacidade da autopropulsão”(BAUMAN,2006, p.9)

O autor explica o que é esse “medo derivado”:

“Os estudiosos do comportamento animal descrevem de modo altamente detalhado o rico repertório de reações dos animais à presença imediata de uma ameaça que ponha em risco suas vidas – que todos, como no caso de seres humanos ao enfrentar uma ameaça, oscilam entre as alternativas da fuga e da agressão. Os humanos, porém, conhecem algo mais além disso: uma espécie de medo de “segundo grau”, um medo, por assim dizer, social e culturalmente “reciclado”, ou [...] um “medo derivado” que orienta seu comportamento (tendo primeiramente reformado sua percepção do mundo e as expectativas que guiam suas escolhas comportamentais), quer haja ou não uma ameaça imediatamente presente.”

O filósofo contemporâneo, aborda nesse argumento um medo caracterizado por ser: social e cultural. Conceitos tão caros aos geógrafos humanistas, sociólogos, filósofos. Esse medo norteia o comportamento dos seres humanos amedrontados, interferindo, alterando, realocando a percepção de mundo destes, e conseqüentemente as expectativas. Por fim guiam suas escolhas comportamentais. Retornam então às discussões de *habitus*, conceito antigo e mais recentemente, debatido por Bordieu. As estruturas sociais, já tão orgânicas que se tornam imperceptíveis acabam desfocando uma possível percepção acerca de uma percepção alheia.

Retorna-se também à discussão presente nesse trabalho acerca das denominações dada aos bairros ditos ‘carentes’ e ao Bauman em ‘Comunidade: a busca por segurança no mundo atual’:

“Para começar, a comunidade é um lugar “cálido” [...]. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada [...]. Lá fora, na rua, toda sorte de perigo está à espreita; temos que estar alertas quando saímos, prestar atenção com quem falamos e a quem nos fala, estar de prontidão a cada minuto. Aqui, na comunidade, podemos relaxar – estamos seguros, não há perigos ocultos em cantos escuros (com certeza, dificilmente um “canto” aqui é “escuro”)”

Com isso, encontra-se sentido em muitas narrativas relatadas no Forte São João. Quando alguns foram indagados porque se no local, como em todos os bairros de Vitória, há usuários de drogas, ocorre tanto temor em relação ao Parque responderam que em seu bairro conhecem a todos. Percebeu-se certo medo em relação a moradores de outros lugares, de outras denominadas comunidades, como os que vão ao baile funk; muitos moradores reclamam também do som alto, falam que chega um pessoal estranho, que um desses furtou o som do seu carro, que fizeram ‘zuada’. Ou então numa moradora, na parte alta do Forte, limítrofe com o Parque, que inteirou seu dinheiro recebido pelo Projeto Terra com o da sua mãe e comprou uma casa na área central do Forte por que:

“Ela [a mãe] não quer, por causa das dificuldades que têm nos outros bairros, violência. Povo fala ‘ah o Forte São João é violento’. Não tem isso, não. Existe isso lá. É bem pior, que eu assisto [TV] todos os dias. Eu fico horrorizado com que acontece nos outros bairros: Cariacica, Vila Velha, não o centro de lá, tipo assim, Campo Grande, Centro de Vila Velha, não acontece essas coisas. Os outros bairros ao redor, Viana, Serra. Serra é o pior que tem eu acho, é um lugar tão bonito que eu estive lá, mas não agradei para morar não”.

Há como se fossem *ilhas do medo* na Ilha de Vitória, como se cada um ficasse encapsulado, em redomas em seus habitats. Isso revela que projetos com foco em somente desmistificar uma determinada área verde não será o suficiente. Faz-se necessária uma abordagem sistêmica. Como ambicionar que as pessoas anseiem por um retorno ao verde se agora elas tem outros medos, não mais os animais ferozes, nem o escuro das matas, nem o sentimento humano de pequenez diante da grandeza do universo? Apresentam-se novas origens aos medos, portanto novas ferramentas serão necessárias.

Um grupo de pesquisa liderado por Rich Mitchell da University of Glasgow propõe a seguinte sugestão: áreas verdes poderão ser peças num processo de redução das desigualdades na área de saúde juntamente com outros direitos sociais. Pesquisaram dados de 21,294 residências urbanas de 34 nações registradas em 2012 no European Quality of Life Survey (EQLS) e mensuraram o bem-estar mental através de índices e concluíram que o acesso às áreas verdes reduz as diferenças de bem-estar entre as diferentes classes sociais, com mais intensidade do que outras características da vizinhança e poderá ter uma importante parte na redução das desigualdades sociais (MITCHELL et al., 2015). No mesmo artigo o professor Jamie Pearce da Universidade de Edimburgo disse:

"Muitas experiências têm identificado que o contato com a natureza pode ser um bálsamo para aqueles que estão estressados ou fatigados. Parece que os efeitos benéficos da utilização de áreas verdes são mais fortes para aqueles sob maiores níveis de estresse financeiro "

Como dissipar o medo tão vigente e proporcionar essas novas sensações poderá ser uma abordagem para novos diálogos.

Sentimentos topofilicos em relação à área são encontrados no Forte. O senhor ex-morador do Forte, que vai frequentemente na área ver seus amigos e também já trabalhou por dez anos no Parque, conta sobre sua presença na área:

"Diariamente, como sou nascido e criado aqui eu tenho conhecimento do local, da área enfim, tenho costume já, o passeio das trilhas que a gente conhece [...]O meio ambiente é tudo de bom, uma coisa de Deus , oferece o ar puro, precisamos preservar a área ambiental devido a poluição que existe né, o lixo e manter sempre como é ,um Parque e as outras áreas, manter a manutenção , manter limpo"

Enquanto um morador jovem do Forte, jardineiro e que atuou nas trilhas do 'Caminhos da Capixaba' diz: "Aqui é meu quintal"

Opiniões similares à de um jovem da Barão:"É como se eu não tivesse no tumulto urbano sempre. É uma fuga do metropolitano que é nossa capital. Você entra aqui você não sente que está na capital do estado." 18 anos

Resumidamente as sugestões para o Parque apresentadas pelos moradores da Barão foram: maior acessibilidade, tanto para idosos como para cadeirantes, alguma alternativa para atenuar os problemas sociais, projetos sociais com o entorno. E os do Forte: mais segurança, outros não souberam sugerir mudanças, academia popular, ter novidades, aproveitar a água limpa ainda mais nessa escassez, dar atenção aos turistas.

Em ambos os locais a afirmação mais corrente do que seria a área se não houvesse o Parque é que seria invadida, teria se tornado mais habitações. Um morador do Forte refletiu sobre a questão das áreas verdes dentro de grandes cidades: "O pessoal fala ali é morro, não sei o que. Mas você sabe, lugar que dá mato perto de cidade, se não tem alguém para fazer algo vira bagunça, ia virar um lixão", 43 anos

E uma moradora de 30 anos da Barão afirma: "Teriam desmatado né, se não tivessem feito uma preservação ali , agora atualmente estaria tudo invadido. Ainda bem que a área foi preservada né".

4.7.1.4 – Memórias

A memória é uma ferramenta ao se delinear, simbolizar e classificar o mundo. O meio social exerce grande influência sobre a memória do indivíduo. Como cada indivíduo estabelece uma troca com seu grupo e com toda a sociedade, a memória é por si só coletiva, sendo, uma construção de natureza social. É necessária a produção do discurso a partir das comunidades, do contrário será efetuada por outros atores, tirando o domínio das lembranças do grupo narrado. Assim outros serão responsáveis pela a definição do que será lembrado e esquecido da história do grupo de referência chegando ao ponto que os próprios atores tomam posse dessa perspectiva externa (BONELLA,2008).

Tuan (1980) afirma que a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar. A memória mais presente e igual nos dois lugares é sobre os recursos hídricos tão presente outrora e depois o orquidário. Os moradores da Barão de Monjardim lembram que ela era tranquila, que as crianças brincavam na rua e que até dividiam a rua ao meio para jogar vôlei. Enquanto muitos do Forte falam das melhorias estruturais no Forte.

4.8- PARTE 2- PERCEPÇÕES DOS ATORES ACERCA DAS REGIÕES ONDE MORAM

4.4- Percepções dos atores acerca das regiões onde moram

Quadro 1- Impressão dos moradores da Barão de Monjardim entrevistados acerca de sua região

Barão de Monjardim

Assunto	Percepções			
Deslizamento	“Acontece”	está ok, no outro lado não sei	era avisado; como é	
Projetos	Sim	Precisa muito		
Prós	Todos se conhecem	Tem de tudo	Ev. culturais	Não parece Centro
Contras	Calçadas	Mais coisa para as crianças	cheiro nas ruas	
Água e Esgoto	Tá bom	Esgoto tem cheiro horrível		
Coleta de Lixo	Tá bom	Muda muito de local	Não busca na porta	

Fonte: o autor

Quadro 2 - Impressão dos moradores do Forte São João entrevistados acerca de sua região

Forte São João

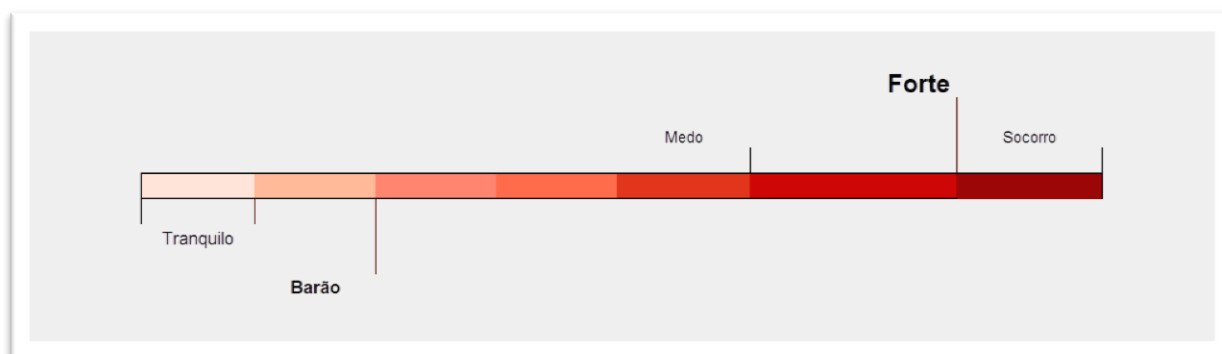
Assunto	Percepções		
Deslizamento	“Gov. trabalhou direitinho”	Mudei de casa	Quando chove...
Projetos	Sim	Precisa muito	Ah, será que vão fazer?
Prós	Todos se conhecem	Perto de tudo	Estamos no Centro A vista
Contras	Calçada cadê?	Morro abandonado	Desunião Morador faz nada
Água e Esgoto	Tem	Fizeram a canaleta , olha onde sai	Eu que acertei
Coleta de Lixo	Tá ok	todo dia coleta mas não varre a calçada	Povo sem consciência

Fonte: o autor

4.8.3 Gradientes à título ilustrativo

1- Deslizamento

Figura 12: Gradientes ilustrando a intensidade das respostas no Forte São João e Barão de Monjardim acerca de deslizamento.

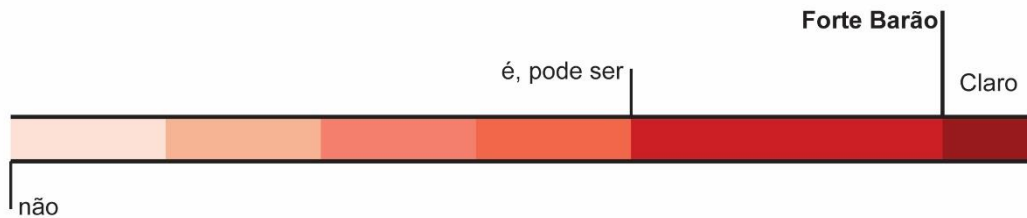


Fonte: o autor

Pode-se analisar pelas entrevistas que os moradores do Forte São João relatam uma preocupação muito maior que os moradores da Barão quanto ao deslizamento.

2- Projetos Sociais e Ambientais

Figura 13: Gradientes ilustrando a intensidade das respostas no Forte São João e Barão de Monjardim acerca de projetos sociais.

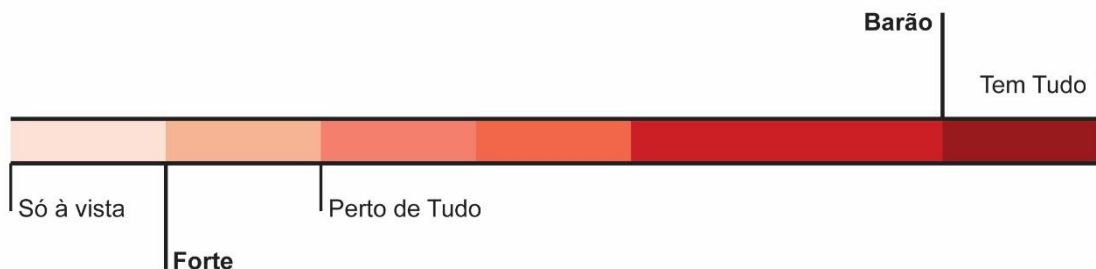


Fonte: o autor

Foi analisado que a importância da realização de projetos sociais e ambientais é um fator bem visto nos dois locais podendo ser uma das atuações a serem projetadas primeiramente para atender as duas áreas.

2 – Prós em relação às suas regiões

Figura 14: Gradientes ilustrando a intensidade das respostas no Forte São João e Barão de Monjardim acerca das vantagens de suas regiões.



Fonte: o autor

Analisa-se que os moradores do Forte dizem que moram perto de tudo enquanto os moradores da Barão argumentam que tem tudo na própria rua.

Figura 15: Gradientes ilustrando a intensidade das respostas no Forte São João e Barão de Monjardim acerca de outra vantagem de suas regiões, a relação da vizinhança.

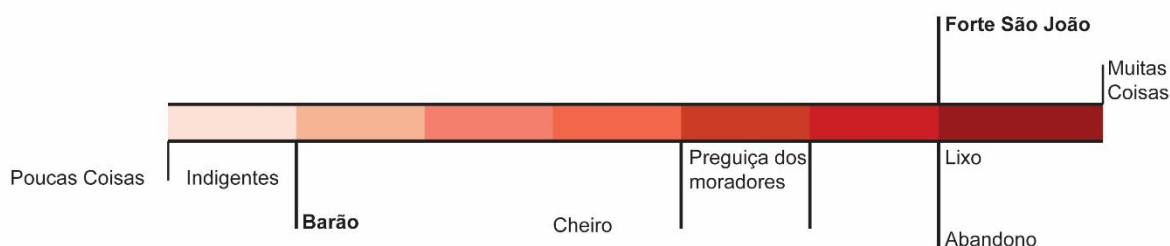


Fonte: o autor

Outra vantagem interpretada é que os moradores do Forte argumentam da união dos moradores nas lutas pela melhoria do bairro mesmo que muitos estejam cansados enquanto na Barão o discurso é em outro contexto pois argumentam o fato de todos se conhecerem.

3 – Contrastes em relação às suas regiões

Figura 16: Gradientes ilustrando a intensidade das respostas no Forte São João e Barão de Monjardim acerca das desvantagens de suas regiões.



Fonte: o autor

Enquanto na Barão as desvantagens relatadas é o fato dos indigentes já no Forte há mais fatores como preguiça dos moradores, abandono do bairro, lixo nas ruas e escadarias.

5- Esgoto e água

Figura 17: Gradientes ilustrando a intensidade das respostas no Forte São João e Barão de Monjardim acerca de esgoto e água.

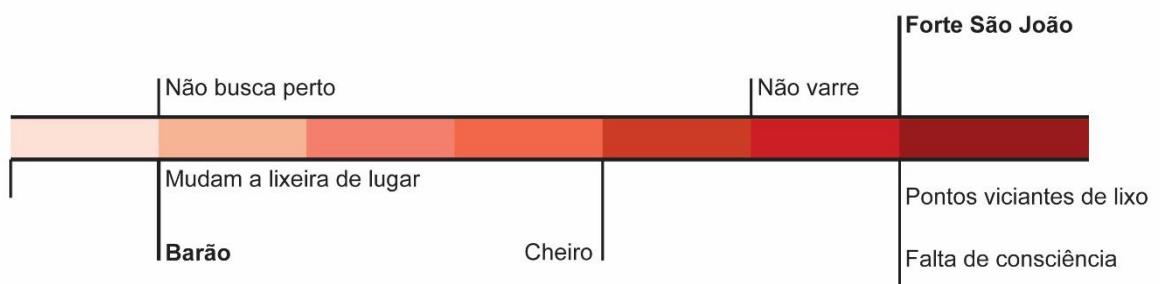


Fonte: o autor

Em relação ao esgoto moradores da Barão reclamam do cheiro na região das tubulações enquanto os do Forte se mostram preocupados com algumas áreas de esgoto à céu aberto, encanamento precisando de reparos.

6- Lixo

Figura 18: Gradientes ilustrando a intensidade das respostas no Forte São João e Barão de Monjardim acerca de lixo.



Fonte: o autor

Os moradores da Barão argumentam que o lixo da rua está em local inadequado perto da escadaria Cristovão Colombo e já mudaram muito do local e o fato de só buscarem nesse ponto enquanto a preocupação dos moradores do Forte são os pontos viciantes de lixo, a falta de consciência de alguns moradores e de os garis não varrerem principalmente as escadarias.

4.9 – SUGESTÕES

- Revitalização da rua Barão de Monjardim que têm um potencial enorme cultural
- Levar árvores aos bairros de baixo poder aquisitivo melhorando o microclima, diminuindo os pontos viciantes de lixo, realizando projetos educacionais.
- Importância cada vez maior de refletir a percepção da população pois como pensar a engenharia sem analisar as percepções dos atores envolvidos?
- Grafos e Small Data podem ser usados em análises
- Refletir se as áreas verdes poderão ser um fator equalizador social e o Parque Natural Municipal Gruta da Onça é terreno fértil para essa reflexão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pode ter conclusões nem considerações finais, num assunto tão vasto.

Necessário será levantar perguntas, fazer ponderações, análises mais profundas.

A supressão da identidade de um grupo social, o medo nas grandes cidades, a falta de pensamento do futuro da população influencia diretamente na relação com as áreas verdes.

A espécie humana, nesses séculos de diversas peregrinações desenhou outros mundos. Faz-se necessário, então, refletir qual natureza será projetada, discutida, traçada, construída sobre as máculas que os humanos têm deixado, não só na fauna e flora, mas, sobretudo, em si próprio como espécie. E também sobre, as novas dimensões artísticas que tem produzido e geram novos fractais, novas percepções.

Resquícios de fragmentos florestais, presentes em áreas urbanas, como os Parques Naturais, e no caso o Parque Natural Municipal Gruta da Onça, são espaços possíveis de ambientar essas discussões.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRECHT, G. Solastalgia: The Distress Caused by Environmental Change. *Australasian Psychiatry*. v. 15, n.1, p. 95-98. 2007.

ANDRADE, C.D. **A montanha pulverizada**. In: *Boitempo II – Menino Antigo*. 2.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio. 1974.

AGÜERA Y ARCAS, B. Blaise Agüera y Arcas: Como computadores estão aprendendo a ser criativos. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/blaise_aguera_y_arcas_how_computers_are_learning_to_be_creative?language=pt-br#t-4251> Acesso em 15 out 2016.

BANDEIRA, L. Favelas poderiam servir de modelo para cidades do futuro. BBC Brasil, Londres, 10 fev. 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/02/150203_favelas_davidking_lab> Acesso em: 15 set. 2016

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. J. Zahar: Rio de Janeiro. 2003. 141 p.

BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. 240 p.

BERTHOZ, A. **Le sens du mouvement**. Paris: Odile Jacob. 1997. 345 p.

BONI, V.; QUARESMA, S.J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Santa Catarina, v.2, n. 1, p. 68-80. 2005

BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do mundo**. 2. ed. - Petrópolis: Vozes, 1998. 747 p.

BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e literatura: introdução à toponímia**. Franca: Ribeirão Gráfica, 2007. 188 p.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 4.771, de 15 de setembro de 1965. Instituiu mudanças no Código Florestal. Foi revogado pela lei nº 12.651, de 2012. Brasília, 1965. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4771.htm>. Acesso em: 11 out. 2016.

BRASIL. Lei Federal Nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9985.htm>. Acesso em: 2 de out. 2016.

BONELLA, M.B.S. Projeto Escritores da Própria História: um relato da experiência da prática da comunicação comunitária para o desenvolvimento humano. In: VI Encontro Nacional de História da Mídia, 2008. VI Encontro Nacional de História da Mídia, 2008.

BRITO, D.M.C. Conflitos em Unidades de Conservação. **Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**. Amapá, n.1, p. 1-12,2008.

BRITTO LEITE, M.; GONÇALVES, G. O espaço como investigação da arquitetura. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE ENSINO E PESQUISA EM PROJETO DE ARQUITETURA – PROJETAR, 4, 2009, São Paulo. **Anais...**São Paulo: FAU-PPGAU-UPM/SP, 2009

COSTA, R.; COLESANTI, M. A contribuição da percepção ambiental no estudo das áreas verdes. **RAÍE GA**, Curitiba, v. 22, p. 238-251, 2011

CUNHA, E. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984. 359 p.

DERENZI, Luiz Serafim. **Biografia de uma ilha**. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1965.

DESLANDES, S.F. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. In: MINAYO, M.C.S. (org.). **Pesquisa social Teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis: Vozes, p. 31-6. 2009.

DIAGONAL URBANA. Diagnóstico Sócio-Organizativo. Poligonal 11. Vitória: Prefeitura Municipal, 1999.

DIEGUES, A.C.S. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 2001.102 p.

ELTON, E. **Logradouros Antigos de Vitória**. Vitória, Instituto Jones do Santos Neves, 1987.

ESPÍRITO SANTO. **Arquitetura: Patrimônio Cultural do Espírito Santo**, Secretaria do Estado de Cultura, Vitória, 2009.

ESPÍRITO SANTO, **Inventário da Oferta Turística do Município de Vitória**, vol. 1, p.37, 2005

FARIA, F.M; COSTA, H.A.V. **Levantamento histórico e análise arqueológica: Projeto Caminhos da Capixaba**. 2014

FRAGA, J.C.; DIIR, R.; MORAIS, W. Centro de Vitória: viagem entre símbolos da capital. Texto disponibilizado em 25 fevereiro. 2013. In: UNIVERSO UFES. Disponível em: <<http://universo.ufes.br/blog/2013/02/centro-de-vitoria-viagem-entre-marcos-da-capital/>>. Acesso em: 18 out. 2016

FREIRE, L. L., Favela, bairro ou comunidade? Quando uma política urbana torna-se uma política de significados. **Dilemas**. vol. 1, n.2, 2008

GODOY, A. O modelo da natureza e a natureza do modelo. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.14, n.4, p.129-138, 2000.

GRIFFITH, J. Entrevista: James Griffith. **Página 22**, São Paulo, maio 2010. Entrevista concedida a Amália Safatle. Disponível em <<http://pagina22.com.br/2010/05/09/entrevista-james-griffith/>> . Acesso em 8 out 2016.

GRIFFITH, J. J.; VALENTE, O. F. Aplicação da Técnica de Estudos Visuais e Planejamento da Paisagem Brasileira. **Revista Brasil Florestal**, v.10, n.37, p.6-14. 1979.

GRIFFO, C. L.S; SILVA, A.G. As Unidades de Conservação do município de Vitória no novo contexto do Sistema Nacional de Unidades de Conservação. **Natureza on line**, v.11, n.2, p.54-67, 2013

HASSLER, M.L. A importância das Unidades de Conservação no Brasil. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 33, n.17, p. 79-89, dez.2005

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE (ICMBio). **Histórico Parque Nacional do Itatiaia**. Brasília. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/parnaitatiaia/en/quem-somos/historico.html>>. Acesso em: 20 out. 2016.

KAPFHAMMER, W. Amazonian pain. Indigenous ontologies and Western eco-spirituality. **Indiana**, Berlim, v.29, p.145-169, 2012

LÉVY-STRAUSS, C. **Aula inaugural**. In: ZAUAR, A. (org.). Desvendando máscaras sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990, p. 211-222.

LIMA, V.; AMORIM, M. A importância das áreas verdes para a qualidade ambiental das cidades. **Revista Formação**, n.13, p. 139 -165, 2006.

LIMA, D.G. **Vila Velha seu passado e sua gente**, Vila Velha 2002, Resenha de: FILHO, W.A. **Saldanha da Gama - Ontem e hoje**: Morro do Moreno, Vila Velha, set. 2014. Disponível em: < <http://www.morrodomoreno.com.br/materias/saldanha-da-gama-ontem-e-hoje.html> > Acesso em: 18 out. 2016

LOUV, R. Do Our Kids Have Nature-Deficit Disorder? **Health and Learning**. Londres, v. 67, n.4, p.24-30 , 2009/ 2010

MARI, H., SILVEIRA, J. Sobre a cognição visual. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 14, 2010

MARSALI, M. **McCulloch-Pitts Neurons**. In: The Mind Project. Disponível em: < <http://www.mind.ilstu.edu/curriculum/modOverview.php?modGUI=212> >. Acesso em: 16 out. 2016

MARTINS, A. **Documento do Séc. XVII**, mai. 1623. Tradução Livre – Português Colonial, Recolhido por Fhylype Menezes Faria em 2014 junto ao Arquivo Ultramarino da Universidade de Coimbra, Por.

MASON, P.H. 19th and 21st Century Brazil: Population growth, urbanisation & pollution in the developing world. **Neo**, Sidney, n. 3, p. 1-13, 2010.

MAZZEI, K.; COLESANTI, **Áreas verdes urbanas, espaços livres para o lazer**. Sociedade & Natureza, Uberlândia, 19 (1): 33-43, 2007

MEDINA, C. A. **A favela e o demagogo**. São Paulo: Martins, 1964.

MERLEAU-PONTY, M. **O Primado da percepção e suas consequências filosóficas**. São Paulo: Papirus, 1990. 93p.

MERRICK, J. Could this favela be the blueprint for how our cities should look by 2050?. Independent, 17 nov. 2014 Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/environment/green-living/could-this-favela-be-the-blueprint-for-how-our-cities-should-look-by-2050-9866145.html>>. Acesso em: 15 de set. 2016

MINAYO, M.C.S. **O desafio da pesquisa social**. In: MINAYO, M.C.S. (org.). Pesquisa social Teoria, método e criatividade. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 9-29.

MITCHELL, R. J.; RICHARDSON, E.A.; SHORTT, N.K.; PEARCE, J.R. Neighborhood Environments and Socioeconomic Inequalities in Mental Well-Being. **American Journal of Preventive Medicine**. v.49, n.1, p. 80-84, jul. 2015

NETO, O. C. **O Trabalho de Campo como Descoberta e Criação**. In: MINAYO, M. C. S. (org.). Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.p.51-66.

NEVES, G. S. **Porque somos capixabas?** Coletânea de Estudos e Registros do Folclore Capixaba: 1944-1982.

OLIVEIRA, J.T. **História do Estado do Espírito Santo**, Secretaria de Estado da Cultura e Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Vitória, 2008. Resenha de: FILHO, W.A. **Construindo fortificações**: Morro do Moreno, Vila Velha, jun. 2015. Disponível em: < <http://www.morrodomoreno.com.br/materias/construindo-fortificacoes.html>> Acesso em: 18 out. 2016

OSTROWER, F. **Universos da arte** – Edição Comemorativa. 24 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 400p, 2004.

QUEIROZ FILHO, A. P. Sobre as origens da favela. **Mercator**, v. 10, n. 23, p. 33-48, 2011.

SANCRISTÁN, C. El prisma del lenguaje / Guy Deutscher. Revista de interculturalidad, comunicación y estudios europeos . fev.2015. Disponível em: <<http://eu-topias.org/>>. Acesso em: 12 out. 2016

SÉRVIO, P.; O que estudam os estudos de cultura visual? *Revista Digital do LAV*, Santa Maria, v.7, n.2, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/12393/pdf>> . Acesso em: 12 out. 2016.

STURZA, J. A. I.; MACHADO, L. M. C. P. O sentido de lugar em Rondonópolis–MT e o topocídio do cerrado: uma contribuição aos estudos de cognição ambiental. In: GERARDI, L. H. O.; CARVALHO, P. F. (Org.) **Geografia: Ações e Reflexões**. Rio Claro: Ageteo, p.341-358. 2006

TECNOSOLO, Hidros. Plano de desenvolvimento local integrado – PDLI; Projeto de Saneamento Integrado – PSI; Programa de Trabalho Social – PTS. Relatório Parcial 01-Rev. 03-Tomo I. Vitória: Prefeitura Municipal, fev. 2005.

THIRY-CHERQUES, H.R. Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento. **Revista PMKT**. n.3, p.20-27, 2009.

TUAN, Y. **Paisagens do medo**. trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005. 374 p.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente (trad.) Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980. 288p.

UNESCO. **Programme on Man and the Biosphere** : Expert Panel on Project 13: Perception of Environmental Quality. Paris: MAB, n. 9, p.76, mar. 1973.

VALLADARES, L. A gênese da favela carioca: a produção anterior às ciências sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.15, n. 44, p. 5-34, out. 2000

VALLEJO, L.R. Unidade de Conservação: Uma Discussão Teórica à Luz dos Conceitos de Território e Políticas Públicas. **GEOgraphia**, v.4, n.8, p.57-78, 2002.

VAZ, L.F. Dos cortiços às favelas e aos edifícios de apartamentos - a Modernização da moradia no Rio de Janeiro. **Análise Social — Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa** , v.24, n.127 p. 581-597, 1994.

VENTURA, D. ¿Por qué muchas civilizaciones antiguas no reconocían el color azul? **BBC Mundo** fev.2016. Disponível em < <http://www.la.tercera.com/noticia/bbc-por-que-muchas-civilizaciones-antiguas-no-reconocian-el-color-azul/> > Acesso em: 10 out. 2016.

VERGARA, S.C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**.9 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

VERGARA, S.C. **Projetos e Relatórios de Pesquisas em Administração**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2003

VITÓRIA, CÂMARA MUNICIPAL. **Análise dos Relatórios de Fiscalização – Região I**, Lopes, L.G.N. (org.). 2015

VITÓRIA. Decreto Nº 8.911 de 26 setembro de 1992. Institui a Área de Proteção Ambiental do Maciço Central. Disponível em: <<http://sistemas.vitoria.es.gov.br/webleis/consulta.cfm?id=6909>>. Acesso em: 6 set. 2016

VITÓRIA. Decreto nº 10.024, de 05 de junho de 1997. Dispõe sobre as Áreas Verdes Especiais – AVE.

VITÓRIA. Eixo Urbano-ambiental. Meio Ambiente: introdução e aspectos conceituais. AGENDAVITÓRIA 2008/2028. 2008. Disponível em: <http://www.vitoria.es.gov.br/arquivos/20110511_agendavix_ambiente_diag.pdf>. Acesso em: 2 out. 2016

VITÓRIA, LEI n 3.564, de 22 de dezembro de 1988. Cria o Parque Municipal Gruta da Onça e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.cmv.es.gov.br/Arquivo/Documents/legislacao/html/L35641988.html>>. Acesso em: 4 set. 2016

VITÓRIA, LEI n 6482 de 05 de dezembro de 2005. Modifica artigos da lei n 3.564, de 22 de dezembro de 1988, cria o Parque Natural Municipal Gruta da Onça e dá outras providências Disponível em: < <https://leismunicipais.com.br/a/es/v/vitoria/lei-ordinaria/2005/648/6482/lei-ordinaria-n-6482-2005-modifica-os-artigos-1-e-4-da-lei-n-3564-de-22-de-dezembro-de-1988-e-da-outras-providencias>>. Acesso em: 4 set. 2016

VITÓRIA. Plano Político Pedagógico do Centro de Educação Ambiental – CEA Parque Natural Municipal Gruta da Onça – PNMGO. Vitória, Secretaria Municipal de Meio Ambiente. 2012

VITÓRIA, Prefeitura Municipal. Vitória em dados, 20???. Disponível em: <<http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/indicadores/iq/iq.asp>>. Acesso em 8 out 2016.

VITÓRIA, Prefeitura Municipal. **Relatório de Transição Programa Terra Mais Igual**. Vitória, Secretaria de Gestão Estratégica Núcleo Gestor do Terra Mais Igual. E 2012

VITÓRIA Prefeitura Municipal. **Projeto Visitar**. Centro Histórico de Vitória e seus limites. 2010. Disponível em: <http://www.vitoria.es.gov.br/arquivos/20101119_proj_visitar_centro_hist.pdf>. Acesso em: 4 set. 2016

APÊNDICE

Questionário aplicado aos moradores entrevistados da Barão de Monjardim e Forte
São João

Nome:

Idade:

Onde mora:

Tempo que mora:

Profissão:

Escolaridade:

- 1- Como você avalia os momentos em áreas verdes na sua infância?
- 2- Como você avalia os momentos em áreas verdes das crianças hoje em dia?
- 3- O que você faz em suas horas de folga?
- 4- Você incluiria momentos ao ar livre em suas folgas?
- 5- Para você como é morar próximo ao Parque?
- 6- Com que frequência você vai ao Parque? Qual o motivo?
- 7 -Se não fosse um Parque na sua opinião a área seria o quê?
- 8- Qual mudança você sugeriria no Parque?
- 9 - Ocorreram deslizamentos aqui. Você se sente seguro. Porque?
- 10- Você acha importante a realização de projetos ambientais e sociais aqui? Qual a sua sugestão?
- 11 - Em relação ao seu bairro você se sente um morador participativo?
- 12- Quais pontos positivos e negativos você encontra em seu bairro?
- 13- O que pensa que poderia ser feito para melhorar o bairro?
- 14- Há rede de esgoto e água na sua casa?
- 15- O que pensa sobre o serviço de coleta de lixo?
- 16 - Como era aqui quando você chegou? (Relato histórico)